



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO NO CAMPO – FADECAM

Dielly Ribeiro Pantoja

Abaetetuba-Pará

Novembro-2018

Dielly Ribeiro Pantoja

O PAPEL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA RECONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA CAMPONÊS: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA, ABAETETUBA-PA.

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Prof.^a Msc. Magda Franciane Nascimento Alexandre

Abaetetuba-Pará

Novembro-2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P198p

PANTOJA, Dielly Ribeiro.

O papel do curso de Licenciatura em Educação do Campo na reconstrução do modo de vida camponês: : A experiência da comunidade São Miguel de Murutinga, Abaetetuba-PA / Dielly Ribeiro PANTOJA. — 2018.

79 f. : il. color.

Orientador(a): Profª. MSc. Magda Franciane Nascimento Alexandre
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação do Campo, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

1. Agricultura Familiar. 2. Educação do Campo. 3. Desenvolvimento Rural. 4. Abaetetuba-PA. I. Título.

CDD 500.1

O PAPEL DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO NA RECONSTRUÇÃO DO MODO DE VIDA CAMPONÊS: A EXPERIÊNCIA DA COMUNIDADE SÃO MIGUEL DE MURUTINGA, ABAETETUBA-PA.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à aprovação como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Educação do Campo, pela banca examinadora formada pelos professores:

Orientadora: Professora Ms. Magda Franciane Nascimento Alexandre
Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo
Campus Abaetetuba

Banca examinadora:

Professora Dra. Laura Angélica Ferreira Darnet
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares – INEAF
Campus Belém

Professor Dr. Francinei Bentes Tavares
Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo
Campus Abaetetuba

Abaetetuba, 05 de Novembro de 2018.

Dedico este trabalho a todos os Agricultores Familiares que acreditam no desenvolvimento Agrícola e ao Pe. Hilário que com suas palavras semeou em meu coração Otimismo para lutar em prol da Agricultura Familiar.

AGRADECIMENTOS

Durante a caminhada acadêmica foram tantas as pessoas que por minha vida passaram que embora eu tente lembrá-las e agradecê-las, nem muitos mil obrigados serão o suficiente para demonstrar o quanto importante elas foram e são em minha vida.

O que eu posso dizer é que cada amigo (a), professor, familiar, agricultor (a), comunidade, Universidade, enfim, cada um deles me ensinou algo significativo para minha formação acadêmica e pessoal. E que apesar de parecer que eu estava sempre tranquila, houve tempos em que eu chorei escondida, tempos que pensei em desistir, tempos que pensei que não conseguiria continuar a caminhar. Mas acredito, que por um pouco de fé que ainda existia em mim, Deus me fortalecia e me ajudava a lutar.

Obrigada, por todos os abraços e palavras que recebi; abraços que compartilharam comigo tristezas e alegrias. Palavras sábias que me fizeram refletir sobre minhas escolhas e decisões.

Obrigada pelas oportunidades de aprendizado, por acreditarem em meus sonhos e me ajudarem a realizá-los.

Agradeço, carinhosamente a minha querida Orientadora Laura Angélica, que foi uma pessoa amiga e muito importante na minha vida. Que confiou em mim, me ajudou a trilhar os caminhos nessa luta pelo Fortalecimento da Agricultura Familiar e que me deu muitos conselhos em momentos difíceis de minha caminhada. E que sempre ela me ouvia dizer: Obrigada Professora por tudo!

Pois, sem o seu apoio eu não teria acreditado em mim mesma, e ter continuado a lutar por meus sonhos.

Agradeço a minha querida orientadora Magda Nascimento, que como uma luz reluzente surgiu em meu caminho, através de professora Laura; e em tão pouco tempo conseguiu confortar e fortalecer meu coração para que eu conseguisse concluir meu trabalho de conclusão de curso, que devido problemas de saúde no qual eu me encontrei e hoje estou superando, me limitou para a realização da escrita desta monografia de todas as pesquisas que eu havia feito. Mas com a sua ajuda eu consegui vencer essa etapa!

Agradeço aos meus amados pais, Rivadal e Dalcilene, que me deram a oportunidade de uma boa educação e sempre acreditaram em minhas palavras, nas ideias mais esquisitas que em minha vida surgiam, que para muitos não se tornariam realidade, mas se realizaram de forma positiva. Obrigada Pai, Obrigada Mãe! Amo vocês!

Quero muito agradecer a todos os meus irmãos, avós, tias e tios, a minha prima Nayara que me incentivou a fazer o processo seletivo de Educação do Campo e a todos aqueles que foram verdadeiramente meus amigos, por todo carinho e atenção que recebi deles. Quero que saibam que seus cuidados para comigo, foram mais do que especiais.

Agradeço ao Padre Hilário que compartilhou comigo suas histórias com Salvito. Ah! Salvito! Uma pessoa que não conheci pessoalmente, pois morreu antes mesmo de eu nascer. Mais confesso que sua história de vida me cativou e hoje tenho uma imensa gratidão e admiração por este homem de luz! Obrigada padre, obrigada Salvito! Vocês foram e são muito importantes para a nossa comunidade.

E também não posso deixar de agradecer ao Grupo AGRIFAS, esses agricultores são pessoas de muita luta e resistência, juntos nos tornamos uma linda família. Aprendemos a cuidar um do outro, a sentir as dores e alegrias. Estar com vocês é uma honra! Obrigada pela confiança que deixaram nascer, crescer e se reproduzir em prol do desenvolvimento da Agricultura Familiar na Comunidade de Murutinga.

Obrigada a todos que acreditaram em meus “sonhos” de vida, e até mesmo aqueles que não acreditaram, pois de alguma forma o não acreditar dessas pessoas me fizeram ter mais força para eu conseguir Vencer! Enfim, as primeiras vitórias já foram ganhas e muitas outras estão por vir. Obrigada de todo o meu coração. Obrigada meu Deus!

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo descrever a contribuição da formação em Educação do Campo de Abaetetuba, no renascer da Agricultura Familiar na Comunidade São Miguel de Murutinga, a partir da construção de projetos realizados nesta comunidade. O presente trabalho descreve as situações que essa agricultura familiar vem enfrentando ao longo do tempo, bem como os principais fatores que influenciaram para o enfraquecimento e desestruturação do modo de vida camponês. Ressalta-se também, discussões sobre a perspectiva da formação do curso de Educação do campo visando o desenvolvimento rural, tendo como uma pequena experiência a realidade dos agricultores de Murutinga. A experiência parte, desde o ano de 2014 até o ano de 2018, referentes ao histórico da comunidade, participação em políticas públicas e parceria com diferentes instituições governamentais e não governamentais, a forma como os movimentos sociais começam a surgir e interagir na comunidade e como os diversos aspectos: econômicos, culturais, educacionais, etc., começam a acompanhar essa dinâmica através da luta dos agricultores familiares pela garantia de seus direitos. Deste modo, a metodologia utilizada foram pesquisas de campo do tipo qualitativas, com aplicações de questionários semi-estruturados, entrevista histórica. Como conclusão os resultados obtidos em relação a capacitação teórica e prática dos agricultores a respeito dos sistemas de produção, a reorganização social da comunidade, resgate da autonomia dos agricultores, participação de jovens nos processos de ensino e aprendizagem tanto em relação as práticas desenvolvidas nos lotes como no desenvolvimento de pesquisa pelos estudantes da comunidade visando alternativas sociais e econômicas, parceria com instituições municipais, estaduais e com representantes de cooperativas. Acrescentando sugestões e perspectivas, para futuras ações a serem trabalhadas e alcançadas na agricultura Familiar no município de Abaetetuba, como, um segundo passo para o desenvolvimento rural.

Palavras-chave: Agricultura familiar. Educação do Campo. Desenvolvimento Rural. Abaetetuba.

ABSTRACT

This monograph aims to describe the contribution of training in the Field Education of Abaetetuba, in the renaissance of Family Agriculture in the Community of São Miguel de Murutinga, from the construction of projects in this community. The present work describes the situations that this family agriculture has been facing over time, as well as the main factors that have influenced the weakening and destructuring of the peasant way of life. It is also important to discuss the perspective of the formation of the rural education course aimed at rural development, having as a small experience the reality of the farmers of Murutinga. From 2014 to 2018, the experience will be based on the history of the community, participation in public policies and partnership with different governmental and non-governmental institutions, how social movements begin to emerge and interact in the community and how the various aspects: economic, cultural, educational, etc., begin to follow this dynamic through the struggle of family farmers for the guarantee of their rights. Thus, the methodology used was qualitative field research, with applications of semi-structured questionnaires, historical interview. As a conclusion the results obtained in relation to the theoretical and practical training of farmers regarding production systems, social reorganization of the community, rescue of farmers' autonomy, participation of young people in the teaching and learning processes both in relation to the practices developed in the lots as in the development of research by students of the community aiming at social and economic alternatives, partnership with municipal and state institutions and with representatives of cooperatives. Adding suggestions and perspectives, for future actions to be worked and achieved in Family agriculture in the municipality of Abaetetuba, as a second step for rural development.

KEY-WORDS: Family agriculture. Field Education. Rural development. Abaetetuba.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Problemática	12
2. JUSTIFICATIVA.....	13
3 HIPÓTESE E OBJETIVOS.....	14
3.1HIPÓTESE.....	14
3.2 OBJETIVO GERAL.....	15
3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	15
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
4.1 AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E O DESENVOLVIMENTO RURAL.....	15
4.2 A FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	18
5. METODOLOGIA.....	20
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL PESQUISADO.....	21
5.1.1 ESCOLHA DA ÁREA DE PESQUISA.....	22
5.2 AGRICULTORES ENTREVISTADOS E A CONSTRUÇÃO DO PROJETO....	22
6.0RESULTADOS EDISCUSSÕES.....	24
6.1 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DO CAMPO COMO MOTOR DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR E AS ETAPAS PERCORRIDAS.....	24
6.2.BREVE RELATO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DOS AGRICULTORES E SEUS LOTES.....	26
6.2.1 Histórico	32
6.2.2 Caracterização dos Agricultores Entrevistados e seus lotes.....	34
6.3.CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PARA A COMUNIDADE DE MURUTINGA.....	38
6.3.1.Fases do Projeto de fortalecimento da Agricultura Familiar.....	39
6.3.2.Primeira iniciativa para a execução do projeto?.....	40
6.3.3.Buscando informações para o acesso a políticas públicas	43
6.3.4.Reunião com a EMATER na comunidade de Murutinga.....	44
6.3.5.Primeiro contato com o Banco da Amazônia (BASA) do município de Abaetetuba.....	45

6.3.6. Conhecendo as propriedades Agrícolas dos Agricultores.....	45
6.3.7. Fluxo de informação: Treinamentos, oficinas, intercâmbios.....	46
6.3.8. Contatos feito com a SEMAGRI.....	47
6.3.9. Realização do Treinamento de enxertia.....	50
6.3.10. Realização de Oficinas pela SEMAGRI.....	51
6.3.11. Como surgiu a parceria com a CAMTA.....	52
6.3.12. Reunião com os agricultores para a tomada de decisão.....	56
6.3.13. Construção do viveiro.....	58
6.3.14. ENTRAVES PARA A CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO.....	59
6.4. A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA A COMUNIDADE DE MURUTINGA.....	62
6.4.1. Resultados parciais do projeto.....	62
6.4.2. A Agricultura Familiar incentivando a Educação por meio das pesquisas.....	64
7.0 REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM ABAETETUBA PARA FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR LOCAL.....	68
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
9. REFERENCIAS.....	73
10. ANEXO.....	75

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa do referido trabalho, foi desenvolvido na comunidade São Miguel de Murutinga, também conhecida por Vila Maratauíra. Possui uma população aproximadamente de 300 famílias, sendo uma comunidade camponesa, localizada na Rodovia PA 151 km 55, pertencente ao município de Abaetetuba, estado do Pará. Aqui abordo uma discussão, sobre o papel do curso de licenciatura em Educação do Campo, com base na experiência vivida com os agricultores na comunidade de Murutinga.

O ponto de partida para chegar a essa pesquisa, iniciou com minha entrada no curso de Educação do Campo no ano de 2014, com a avaliação de uma das disciplinas, onde fui incentivada a pesquisar sobre o histórico de fundação da comunidade. No entanto, somente no ano seguinte 2015, com a realização de uma entrevista com o Padre que era representante da igreja na comunidade, sobre a cooperativa e histórico, que a pesquisa foi idealizada com mais consistência.

A partir do reconhecimento realizada em forma de caminhada pela comunidade e dos diálogos com os comunitários, identificou-se uma fragilidade da agricultura familiar na comunidade rural pesquisada, uma baixa autonomia, pouca perspectiva da capacidade de desenvolvimento agrícola, na visão dos agricultores familiares. Dificuldade do acesso a políticas pública, falta de assistência técnica, descaracterização da agricultura familiar camponesa, venda de terras para o agronegócio; necessidade da obtenção de fluxo de informação. O problema de pesquisa identificado foi diverso, no que se refere à agricultura familiar, dentre eles o mais perceptível, era a perda da autonomia e distanciamento das organizações sociais dos (as) agricultores (as), que contribuía para que os mesmos, se tornassem mais frágeis e dependentes das políticas públicas e do sistema econômico que rege as relações de comércio. E assim, distanciando-se cada vez mais do modo de vida camponês.

O curso de Educação do campo recebeu um papel muito significativo na construção de um projeto voltado especificamente para agricultura familiar na comunidade pesquisada. Na medida, que, recebia formação, buscava articular o saber científico com os saberes empíricos, a fim de encontrar soluções para os problemas identificados na comunidade de Murutinga. A partir da realidade encontrada, focou-se na necessidade de buscar informações para analisar o por que estavam ocorrendo essas problemáticas. Bem como, cooperar através da organização

comunitária e busca por parcerias que contribuíssem para o fortalecimento da agricultura familiar e o desenvolvimento agrícola da comunidade pesquisada.

Este trabalho está dividido em tópicos, abordando temas específicos que explicam detalhadamente a história vivida durante a pesquisa e execução do projeto de SAF's na comunidade de Murutinga. Esse projeto consiste na luta pelo fortalecimento da Agricultura familiar camponesa, contribuindo para sua reconstrução cultural, social e econômica, com a organização das atividades agrícolas nessa comunidade. É importante levar em consideração a necessidade desta pesquisa uma vez que o trabalho desenvolvido de forma coletiva proporcionou inúmeros avanços positivos para a comunidade em questão, mesmo iniciando o projeto com uma parcela pequena, lutando por uma causa de todos. Portanto, a perspectiva futura é que mais pessoas possam se reunir, para conquistar uma Educação do Campo possível.

2. JUSTIFICATIVA

Neste trabalho, foi escolhido como tema, falar sobre o papel do curso de Licenciatura em Educação do Campo na reconstrução do modo de vida camponês, tendo como experiência a realidade da comunidade São Miguel de Murutinga, Abaetetuba-Pará. Esta comunidade foi escolhida para desenvolvimento de pesquisa por vários motivos. Em primeiro, por ser o lugar de meu pertencimento, lugar onde nasci e cresci; em segundo, pela descoberta que fiz durante a vivência acadêmica no curso de educação do campo, como por exemplo, a origem de minhas raízes camponesas e movimentos sociais. Em terceiro, a descoberta e percepção do histórico da agricultura familiar nesta comunidade. De acordo com Ploeg (2009, p. 27) “uma característica importante dessas novas formas de resistência, especialmente relevante para a sustentabilidade, é que elas conduzem à busca e à construção de soluções locais para problemas globais”.

A partir do histórico da comunidade São Miguel de Murutinga, percebe-se que nos anos de 1985 a comunidade começa a ganhar um Auge nos aspectos econômicos agrícolas com o surgimento da cooperativa APA (Associação dos Produtores de Abaetetuba) com beneficiamento de arroz. Contudo, esta comunidade por apresentar características de raízes camponesas, deveria ser atualmente muito desenvolvida nos aspectos econômicos e agrícolas, pois de acordo com o relato histórico do Padre Hilário a cooperativa deu o lustre a Murutinga e as famílias começaram a melhorar de vida. Sendo que muitas localidades diferentes nos municípios de Abaetetuba, Igarapé-Miri, Barcarena, Moju, etc, também estavam sendo

beneficiados por essa dinâmica econômica agrícola. Porém, existe um grande impacto nos dias de hoje, da percepção da realidade que os agricultores estavam vivendo perante tantas transformações.

Falar do papel do curso de licenciatura em Educação do Campo como intervenção de uma realidade descaracterizada quanto sua identidade camponesa é oportunizar para todos aqueles que fazem parte desse contexto, uma visão do potencial que esta política pública tem nas universidades pelo Brasil. Acredito que este trabalho será muito útil, para o tão sonhado desenvolvimento rural sustentável. Pois, a formação em Educação do Campo é uma das principais ferramentas que possuímos, com ela, podemos nos articular em movimentos de luta, partindo de um determinado problema social nas próprias comunidades, e juntos formar uma corrente de determinação, força, estratégias, planejamentos, construção e execução de projetos com uma real intervenção.

A educação do campo é capaz de provocar tamanha transformação social, pois ela vem de um histórico de lutas, conquistas e resistência. Nós camponeses somos frutos dessas conquistas, devemos continuar a lutar, a insistir em nossos sonhos, pela igualdade, justiça, bem-estar. Todos que compõem a base populacional têm o direito de ter uma vida com mais dignidade. Para Wanderley (2017, p. 69) “no mundo rural brasileiro, formas semelhantes de exclusão social produziram, historicamente, efeitos devastadores sobre a própria identidade social daqueles que estão associados a outros modos de viver e de produzir no campo, distintos do modelo dominante”. E para isso é preciso compreender o sistema em que estamos inseridos, e trocar essas experiências com a maioria, que ficou esquecida e/ou foi excluídos diante do sistema dominante capitalista.

A partir de tantos impactos que a comunidade vêm sofrendo, visamos contribuir para a necessária ação de colocar a Educação do Campo em movimento constante E com ela somar mais conquistas, articulando-se ao máximo de instituições possíveis e assim se tornando cada vez mais forte, rumo ao desenvolvimento.

3.HIPÓTESE E OBJETIVOS

3.1 HIPÓTESE

Os agricultores familiares necessitam de um conjunto integrado de ações para o desenvolvimento de seus sistemas produtivos e o curso de Educação do campo pode contribuir de forma consistente para realiza-las.

3.2 OBJETIVO GERAL

Apresentar como a formação no curso em Educação do Campo de Abaetetuba, contribuiu para o fortalecimento da Agricultura Familiar na reconstrução do seu modo de vida Camponês na Comunidade São Miguel de Murutinga, partindo das experiências vividas da intervenção idealizada, elaborada e executada de forma participativa.

3.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Fazer um levantamento dos aspectos socioeconômicos de famílias de agricultores familiares da comunidade Murutinga;
- Realizar uma apresentação para a elaboração da proposta de pesquisa-participativa de um projeto inicial para os agricultores envolvidos, com estratégias que contribuem para o fortalecimento da agricultura familiar;
- Descrever as etapas do projeto e o caminho percorrido pelo grupo;
- Relacionar e refletir sobre as contribuições do curso de Educação do Campo nas mudanças ocorridas nas atividades dos agricultores familiares do Murutinga;
- Discutir com seriedade o papel da universidade na contribuição da formação discente para atuar nas comunidades locais.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA E O DESENVOLVIMENTO RURAL

A agricultura Familiar tem sido bastante pesquisada e discutida ao longo dos séculos. Atualmente, passamos a observá-la em seu processo de construção e transformações a partir de diversos conceitos existentes. Porém, aqui neste trabalho será apresentado apenas alguns pontos de vista, de autores que contribuíram com essa definição. Buscando facilitar, uma melhor percepção da realidade de uma comunidade camponesa, e compreendê-la no exercício de seu trabalho agrícola.

Autores como Altafin (2007), Wanderley (1996) e Veiga (2005), escrevem em suas obras, reflexões sobre três temas que eu considero de suma importância para este trabalho.

Tais como, o conceito de Agricultura Familiar; Raízes históricas do campesinato Brasileiro e o principal desafio do século XXI, abordando uma discussão sobre desenvolvimento sustentável. Deste modo, venho a partir desses temas, considerar uma tríade de pesquisa para o estudo dos problemas existentes na comunidade São Miguel de Murutinga no trabalho agrícola das famílias ativas, buscando compreender suas dificuldades e anseios no sistema em que estão inseridos.

A agricultura familiar para Altafin (2007), não tem um conceito definitivo. Ao longo dos tempos as pesquisas desenvolvidas nessa área, seja na elaboração de políticas governamentais, articulações sociais e ou instituições de ensino; tem modificado o significado deste termo de acordo com as necessidades. Para Wanderley (1996, p. 2) “estas transformações do chamado agricultor familiar moderno, no entanto, não produzem uma ruptura total e definitiva com as formas “anteriores”, gestando, antes, um agricultor portador de uma tradição camponesa, que lhe permite, precisamente, adaptar-se às novas exigências da sociedade”.

É muito relevante o conceito que Altafin (2007, p. 2) faz em seu artigo, quando diz: “produção camponesa é aquela em que a família ao mesmo tempo detém a posse dos meios de produção e realiza o trabalho na unidade produtiva, podendo produzir tanto para sua subsistência como para o mercado”. Argumenta também em relação a importância que a família tem, sendo colocada em seu contexto em primeiro lugar antes mesmo do que a obtenção de lucro. No qual o trabalho é realizado em uma medida quantizada, a partir da necessidade da família. Pois, seu bem-estar sempre em primeiro lugar.

Para Wanderley (1996, p. 2) “– ao campesinato corresponde uma destas formas particulares da agricultura familiar, que se constitui enquanto um modo específico de produzir e de viverem sociedade;”. E desta forma ela diz que: “O ponto de partida é o conceito de agricultura familiar, entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo”.

Altafin (2007, p. 3) complementa a discussão quando fala do camponês tradicional apontando: “A diversificação de culturas configura-se como parte da estratégia adotada pela família camponesa, que tem na combinação com a criação de animais sua alternativa de fertilização dos solos e melhoria na produtividade dos cultivos”.

Dentre as características marcante do modo de vida camponês o fato da,

[...] agricultura camponesa tradicional vem a ser uma das formas sociais de agricultura familiar, uma vez que ela se funda sobre a relação acima indicada entre propriedade, trabalho e família. No entanto, ela tem particularidades que a

especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e à forma de sua inserção na sociedade global (Wanderley, 1996, p. 3).

Wanderley (1996, p. 4) diz também que: “Para enfrentar o presente e preparar o futuro, o agricultor camponês recorre ao passado [...]” o que permite a construção do saber tradicional que é transmitido aos filhos e que justifica suas decisões referentes ao trabalho familiar no lote como um todo. “[...] O campesinato tem, pois, uma cultura própria, que se refere a uma tradição, inspiradora, entre outras, das regras de parentesco, de herança e das formas de vida local etc”. A politicagem¹, que tem invadido as comunidades, atuam de forma interesseira com os comunitários prometendo algo em troca de votos e/ou apoio, que não é concretizado privando socioculturalmente as famílias afetando assim sua autonomia, contribuindo para a diminuição e ou perda da diversidade de cultivos em suas propriedades e desestruturando seus sistemas produtivos.

Todas essas modificações que levaram a perdas seja de biodiversidade, de cultura ou em relação as organização nas comunidades, estão sendo colocadas no centro de debates em relação a sustentabilidade. Veiga (2005, p.1) aponta que “o desenvolvimento sustentável é um dos mais generosos ideais surgidos no século passado”. Só comparável ao, bem mais antigo, anseio por justiça social. “Ambos são valores fundamentais de nossa época, por exprimirem desejos coletivos enunciados pela humanidade ao lado da paz, da democracia, da liberdade e da igualdade”. Mas todos, ainda sim, devemos acreditar na restauração da “sustentabilidade”. Questões estas que em consonância favorecem a autonomia camponesa. Para Wanderley (1996, p. 3) “a autonomia é demográfica, social e econômica. Neste último caso, ela se expressa pela capacidade de prover a subsistência do grupo familiar” seja nos níveis da subsistência imediata com o atendimento às necessidades do grupo doméstico, ou no da “reprodução da família pelas gerações subsequentes”, ambos se complementam.

Em relação aos meios de manter as famílias camponesas Wanderley (1996) apresenta um ponto muito comum que acontece nas comunidades, a “pluriatividade”², que,

¹A politicagem é um desvio ético do poder, configurado a partir do interesse de um ou mais indivíduos politiqueros, que se auto-organizam com a intenção de obter vantagens privativas do poder público, provocando por causa desse comportamento inúmeras externalidades negativas para a sociedade como um todo – através da injustiça, desordem, instabilidade, violência e descrédito, entre outras modalidades antidemocráticas e desumanas, que prejudicam a confiabilidade do cidadão nas instituições públicas responsáveis pela defesa dos interesses de sua própria comunidade (MONTARROYOS, 2012, p. 48).

² Pluriatividade pode ser entendida como a interação das diversas agrícolas e não-agrícolas que a família pode exercer dentro das possibilidades existentes na própria propriedade, bem como atividades fora da sua propriedade, criando um mercado amplo de trabalho, não somente as atividades fora da sua propriedade, criando

Trata-se, portanto, de estabelecer os ajustes necessários entre a força de trabalho disponível e o ritmo e a intensidade do trabalho exigido ao longo do ano. Deve-se observar, porém, que, nestes casos, a pluriatividade e a contratação de trabalhadores alugados no estabelecimento familiar estão inscritas na própria forma de produzir do camponês, enquanto uma possibilidade, mas sua concretização dependerá, fundamentalmente, do contexto mais geral que engloba o campesinato (Wanderley, 1996, p. 4).

Quando relacionamos esses novos arranjos da agricultura familiar e a necessidade de desenvolver diversas atividades, ligamos diretamente a disponibilidade de políticas públicas que favoreçam esta movimentação. No entanto as políticas públicas extremamente burocratizadas não conseguem gerar satisfação na agricultura familiar. Em um documentário o autor Stropasolas (2017, p. 466) faz uma discussão sobre o PRONAF, sobre a necessidade de “[...] se repensar o processo de concepção, o desenho e a implementação de políticas públicas, [...], cujas avaliações tem demonstrado uma inadequação entre este Programa e o perfil deste grupo enorme de estabelecimentos”. Esse repensar das estratégias deve ser realizado junto às comunidades locais.

4.2 A formação da Educação do Campo

Início a discussão indagando como os pontos de vista dos autores discutidos no curso de Educação do Campo Campus Abaetetuba contribuíram para a minha formação da Educação do Campo e para a execução e dinâmica do projeto realizado na comunidade de Murutinga. Começarei a discutir sobre a Educação do Campo em si, o que representa? Como surgiu? E qual o seu papel?

Segundo Silva e Ortiz (2013, p. 6) “[...] falar em Educação do Campo pressupõe mencionar a luta pela terra, onde desde o início da década de 1980 trabalhadores rurais reivindicam uma escola pública em cada novo assentamento ou acampamento da Reforma Agrária”. Para Fernandes (2001), no Brasil a reforma agrária é recente uma vez que se comparada ao processo de formação da luta pela terra, esta ganhou força a partir das organizações políticas camponesas, à exemplo das Ligas Camponesas.

Os camponeses, sempre tiveram uma participação em todas essas lutas. E por isso, hoje precisamos pensar e refletir em como o curso e a formação em Educação do Campo possa vir a contribuir para os agricultores, camponeses, ribeirinhos, quilombolas, assentados,

um mercado amplo de trabalho, não-agrícolas, a pluriatividade deve ser vista como uma estratégia para a melhoria de renda e qualidade de vida para a família (GODOY, 2009, p. 5).

etc. levando em consideração seu potencial quanto movimento social? Em relação a este questionamento Silva e Ortiz (2013, p. 6) apontam que a “articulação entre movimentos sociais do campo e diversas instituições, entre elas universidades, trazem como objetivo a discussão sobre a importância da escola, dos processos educativos formais, na configuração dos espaços de vida no campo”. As primeiras articulações unindo estas instituições datam de 1997 com a realização do I PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária).

É importante ressaltar que, a realidade hoje dos camponeses pertencentes ao município de Abaetetuba e até mesmo dos municípios vizinhos como, Moju, Barcarena, Igarapé Miri encontra-se permeada desse universo de entidades. Que em virtude de diferentes interesses, vem infligindo dificuldades maiores, relacionados à compra e venda de terras para o agronegócio e empresas, monoculturas, entre outras situações que fragilizam os camponeses. Arroyo (2012, p. 5), na sua obra “Outros sujeitos, outras pedagogias”, discute sobre os processos provocados pelo sistema capitalista, que “ao destruir, afetar a produção da vida dos coletivos, são afetadas na raiz as capacidades humanas, os saberes colados a essas formas de sua produção. São destruídas as formas ancestrais de viver, de produção da vida humana, das identidades e dos saberes [...]”.

Para Silva e Ortiz (2013, p. 2) “[...] a Educação do Campo está intimamente relacionada aos movimentos sociais, na luta constante contra a exclusão social e na busca de um projeto de sociedade mais justa, onde os homens e mulheres do campo possam de fato constituir-se enquanto cidadãos”. Uma concepção que se diferencia da Educação Rural, por ansiar além da educação universal um novo sentido, centrado na “construção de autonomia e respeito às identidades dos povos do campo.” Deve haver um cuidado na realização da prática pedagógica que “[...] deve considerar o contexto dos sujeitos do campo, no que diz respeito a sua cultura, a maneira de se relacionar com o tempo, o espaço e o meio ambiente, o modo de viver e suas relações com o trabalho” (SILVA; ORTIZ, 2013, p. 7).

Como segundo ponto importante na formação de educação do campo, está a pedagogia da alternância que Vergutz (2012, p. 4) explica que “surge, portanto, como uma proposta educacional para o campo, como possibilidade de uma formação para jovens do meio rural centrada na partilha e na interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem”. A pedagogia da Alternância advém da França, desde os anos 30, criada para ser utilizada na Casa Familiar Rural por famílias de agricultores e um pároco com o intuito de enfrentar o problema do êxodo rural. Ou seja, a pedagogia da alternância é uma peça chave para oportunizar o crescimento e fortalecimento da educação do campo para além das escolas

de educação básica e estaduais, mas sim com um forte potencial, de favorecer o desenvolvimento local, regional e até mesmo, nacional, se todos os envolvidos passarem a atuar sobre um mesmo objetivo com metodologias construtivas para com as problemáticas que abrangem a realidade do Campo. Deste modo, vem a funcionar,

Possibilitando trocas, buscas, inquietação, perturbações, soluções, interações, diferenciações e/ou associações com os saberes da família e os saberes da escola, possibilita que, haja tempo e espaço para experimentar de maneira mais observadora-pesquisadora o contexto sócio-profissional-familiar e o contexto escolar, bem como apontar propostas de temáticas e alternativas a serem trabalhadas na ação educativa. Contudo, existem tipos diferentes de alternância e essa pedagogia pode ser utilizada para diversas finalidades atualmente (VERGUTZ, 2012, p. 10).

5. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, optou-se pela pesquisa de campo do tipo qualitativa e participativa. De acordo com Gil,

O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis (Gil, 2002, p. 53).

E assim, o autor vem dizer que, “A pesquisa participante, assim como a pesquisa-ação, caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas”. Bem como, (...) “mostra-se bastante comprometida com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos e por essa razão tem-se voltado sobretudo para a investigação junto a grupos desfavorecidos, tais como os constituídos por operários, camponeses, índios etc.” (GIL, 2002, p. 55-56).

Para Silveira e Córdova (2009, p. 32) a pesquisa do tipo qualitativa é aquela que se preocupa com o que a realidade apresenta, pois não utiliza-se dados quantificados, visando compreender e explicar a dinâmica da forma que a sociedade se relaciona. Contém as seguintes características: tornar objetivo determinado fenômeno; ordem para ações na descrição das pesquisas, compreensão, explicação, necessidade de relacionar situações entre o global e o local, as observações das diferenças no contexto social e natural, um padrão de ética entre os objetivos que são buscados pelos pesquisadores, a busca de resultados de forma “fiel”, etc. Pontos necessários se realizar uma pesquisa com eficácia.

Utilizou-se também a aplicação de questionários semiestruturados para investigar os problemas existentes no lócus de pesquisa, observando as causas e todo o processo de transformação que ocorreram ao longo do tempo principalmente nos aspectos econômicos e agrícolas das famílias de agricultores familiares camponeses na comunidade São Miguel de Murutinga.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL PESQUISADO

O município de Abaetetuba (figura 1) é a sétima cidade mais populosa do Estado do Pará – Brasil, pertencente ao Baixo Tocantins, possui uma população cerca de 141.100 habitantes, (2007, IBGE). “Pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e a Microrregião de Cametá. A sede municipal tem as seguintes coordenadas geográficas 01°43’ 24” de latitude Sul e 48° 52” 54” de longitude a Oeste de Greenwich” (FAPESPA, 2016, p. 12).



Figura 1: localização de Abaetetuba no Pará

Fonte:Ufpa br.



Figura 2: Mapa Pará-Brasil.
Fonte: cidade-brasil.com.br.

No site da prefeitura de Abaetetuba (2017) podemos observar um pouco da economia do Município, cuja atividade econômica predominante “é o setor terciário (comércio e serviços), que conta com uma ampla rede de estabelecimento das mais diversas atividades”. O setor de indústria tem pouca participação na economia da cidade, é composta dos ramos alimentícios e de beneficiamentos de produtos agroflorestais. As indústrias localizadas na cidade são de pequeno e médio porte, e são destinados as categorias de bebidas, madeireiro, oleiro-cerâmico, etc. De modo geral, as atividades desenvolvidas são a agricultura, pecuária e piscicultura. Na Agricultura o município destaca-se em segundo maior produtor de açaí, em terceiro maior produtor de bacuri, cupuaçu e manga. Entre outras atividades produtivas como: miriti, mandioca, coco, bacaba entre outros (PREFEITURA DE ABAETETUBA, 2017).

De acordo com a estatística Municipal de Abaetetuba os solos que predominam no município são “(...) o Latossolo Amarelo distrófico, textura média, associado ao Podzol Hidromórfico e Solos Concrecionários Lateríticos Indiscriminados distróficos, textura indiscriminada, em relevo plano”. Já na parte das “ilhas, acham-se presentes, em manchas, os solos Gleys eutróficos e distróficos e Aluviais eutróficos e distróficos, textura indiscriminada.” tipos de solo com alterações elevadas de concentração de hidróxidos de ferro e alumínio (FAPESPA, 2016, p. 12).

5.1.1 ESCOLHA DA ÁREA DE PESQUISA

Focaremos nossa pesquisa na comunidade de São Miguel de Murutinga, que fica localizada a 18,4 Km do Município de Abaetetuba, na rodovia PA 151, considerada uma área rural ou como dizem interior de Abaetetuba. A figura 3 abaixo apresenta a localização da comunidade de Murutinga.

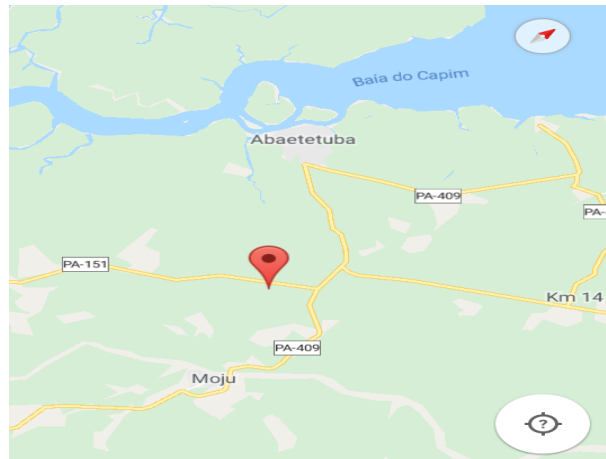


Figura 3: Localização da Comunidade de Murutinga.
Fonte: googlemaps.com

A comunidade de São Miguel de Murutinga foi escolhida por ser a comunidade de meu pertencimento e de meus familiares. A ideia surgiu juntamente com minha irmã, pois observamos que algumas famílias estavam enfrentando dificuldades, e que a produção agrícola na comunidade era baixa. Surgiu o interesse e a preocupação de buscar informações e realizar uma intervenção perante as dificuldades que os agricultores enfrentavam na comunidade. Realizamos um levantamento com algumas famílias, sobre a situação de cada uma, assim como entrevistamos o padre Hilário para conhecermos melhor a história de nossa comunidade. Nesta entrevista descobrimos que a comunidade de Murutinga, que hoje tem uma agricultura fragilizada, já tinha sido um importante polo produtivo econômico, inclusive com funcionamento de uma usina de arroz. Partimos então em busca de entender essa história, mas também de procurar alternativas que pudessem apoiar a retomada das famílias em suas produções.

Para compreender o que passou e passava a agricultura familiar da comunidade de Murutinga foi realizada uma Entrevista histórica com o Sr. H., no dia 11 de Janeiro de 2015 no Centro de Formação Laranjal localizado no Município de Abaetetuba – PA, com o objetivo de conhecer os aspectos econômicos que fez parte do desenvolvimento da comunidade na época. Utilizou-se um questionário, sobre qual a ligação do senhor H. com a comunidade, o surgimento da Usina de beneficiamento de arroz, seus beneficiários, entre outros.

5.2 AGRICULTORES ENTREVISTADOS E A CONSTRUÇÃO DO PROJETO

Foi realizado um levantamento sobre a situação das famílias moradoras do Murutinga. Utilizamos um questionário aberto (anexo 1) contendo perguntas sobre: a importância da agricultura para as famílias, o vínculo com a terra, os tipos de cultivos, as dificuldades encontradas pelas famílias, o acesso ao crédito, entre outros fatores que nos permite conhecer o contexto de vida que as famílias estão inseridas. Entrevistamos famílias no período de 22 de Abril a 29 de Maio de 2016. Durante a entrevista, os agricultores tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sobre a importância da Agricultura Familiar, pois é de extrema relevância o ponto de vista de cada um.

De acordo com Gil (2002, p. 116) “A elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos”. As análises dos resultados dos questionários contribuíram para a identificação dos problemas socioeconômicos das famílias dos agricultores, bem como para a compreensão do funcionamento de seus sistemas produtivos. A partir dessa reflexão, buscou-se elaborar, construir e executar um projeto de intervenção, que ajudasse na organização e desenvolvimento da Agricultura Familiar. Os registros dessas dinâmicas serviram para relacionar e refletir sobre as contribuições que o curso ia promovendo na comunidade e para minha formação.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

6.1 A FORMAÇÃO DO EDUCADOR DO CAMPO COMO MOTOR DO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR E AS ETAPAS PERCORRIDAS

Nesse tópico descreverei como a formação do curso de Licenciatura em Educação do campo, contribuiu para o desenvolvimento do projeto na comunidade de Murutinga. E como os questionamentos e dúvidas que surgiam durante o curso, foram oportunizando um olhar holístico para a realidade, na qual, eu estava inserida. Porém, na medida em que, ouvia-se a teoria; obtinha o desejo de testá-la na prática e observar os resultados. A construção; os pontos negativos e positivos e inclusive o movimento das pessoas, grupos, instituições, etc. Então, aqui eu me manifestarei, diversas vezes com meus pensamentos; reflexões, erros, acertos. Não será uma autobiografia, mas, uma reflexão profunda da construção de minha formação como educadora do campo, na insistência de realizar uma intervenção na sociedade; em especial, na comunidade em que eu vivo: Comunidade São Miguel de Murutinga.

Em 2014 quando iniciei o curso de Licenciatura em Educação do Campo buscava por meio das palestras, reuniões, até mesmo na sala de aula, compreender qual era o objetivo do curso. Porém, encontrava mais dúvidas do que respostas. À medida que as semanas se passavam, percebi que o curso de Educação do Campo continha resistência e certos preconceitos. Uma visão que se manifestou por algum tempo aos meus olhos, quando eu percebia o medo que muitos discentes tinham; de falar de seu próprio curso e de sua origem. Ou até mesmo quando alguns professores deixavam de desafiar seus alunos no conteúdo curricular por acreditarem que estes, não tinham a “capacidade” de superar seus limites e avançar como pesquisadores e/ou acadêmicos. E essa atitude refletia para outras turmas de outros cursos existentes na Universidade, que acabara acreditando que o curso de Educação do Campo era muito fácil de viver na academia e que tivesse menos validade que outros cursos.

Foi um período difícil. Muitos alunos que foram aprovados no processo seletivo de Educação do Campo, por não compreenderem a importância do mesmo, deixaram-se oprimir por seus próprios medos e desistiram do curso. Foi quando decidi mudar esse cenário confuso, que parecia querer dominar e descaracterizar a Educação do Campo. Ora, esta surgiu por muita luta dos movimentos Sociais, de famílias de Agricultores, que desejavam garantir o direito a Educação para com seus filhos. E como não agregar valor em uma ação tão significativa como essa, estamos nos referindo ao direito à educação do Campo! Tem uma música que descreve muito bem essa história, e diz: “Não vou sair do campo pra poder ir pra escola, educação do campo é direito e não esmola (...)”.

Então, decidi aprender com o curso, com os professores, para somar um total de resultados positivos. Foi quando com a disciplina **História da Educação do Campo**, fomos felizes em realizar uma pesquisa em nossas comunidades para conhecer sua fundação, tendo como produção do mesmo, um vídeo, além de apresentações de seminários em sala de aula. Nesse momento pude conhecer minhas origens, passei a perceber o lugar onde eu nasci e cresci de uma forma diferente. Pois, consegui olhar para o passado, compará-lo no presente e se questionar sobre o futuro desta ou aquela comunidade.

Outra disciplina foi **Metodologia do Trabalho Científico**, quando eu aprendi a importância de elaborar projetos, de como analisá-los a partir das problemáticas existentes, sendo que, esta disciplina incentivou para que a turma 2014 fizesse um projeto baseado na pesquisa da disciplina da História da Educação do Campo, instigando assim a percepção das reais problemáticas que existem na comunidade. O curso se iniciou com uma dinâmica, que considero muito bom no ponto de vista da pesquisa, como por exemplo, o contato com o lugar

que todos os discentes possuem; com o campo, através do Tempo Comunidade. Este era realizado no final de cada disciplina, no qual, cada professor ficava responsável de realizar uma atividade com os alunos buscando relacionar a teoria com a prática, a partir da realidade que vivíamos.

O curso foi muito importante para ajudar na reflexão da elaboração de um projeto para a comunidade São Miguel de Murutinga. E para uma breve percepção do que aconteceu no decorrer das disciplinas. Disposto no quadro abaixo para apresentar as principais contribuições de cada disciplina para minha formação.

Quadro 2: Disciplinas e metodologias do curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais que contribuíram ao aprendizado e proposta do projeto.

DISCIPLINA	METODOLOGIA	APRENDIZADO
História de Educação do Campo	Entrevista oral e produção de vídeo. Tempo comunidade.	A compreensão de minha identidade camponesa através da descoberta da História de minha comunidade.
Metodologia do Trabalho Científico	Elaboração de projetos Tempo Comunidade.	Observar e identificar problemáticas existentes no lugar em que se vive.
Matemática Básica	Leitura de gráficos, contas, raciocínio...	Identificar e relacionar a matemática com a realidade. Percepção do fluxo econômico de produção agrícola...
Biodiversidade	Tempo Comunidade, pesquisa, entrevista, aspectos econômicos existentes.	Identificação dos tipos de plantio, criação existente na comunidade. Contato com órgão público SEMAGRI. Oportunidade de compreender projetos desta.
Prática Pedagógica	Teoria e Prática	Elaboração de memorial, vivência pedagógica comunitária, visita casa Familiar Rural e projetos...
Filosofia da Educação	Leituras bibliográficas, aulas discursivas e reflexivas.	Compreender a importância das indagações, questionamentos, dúvidas e que a melhor resposta é aquela que buscamos e não as quais receberam prontas. Indagação da realidade, etc.
Educação em Ciência e Tecnologia	Leituras bibliográficas, reflexão sobre o ensino de ciências, filmes, etc.	Interpretação da educação, ciência e tecnologia na atualidade.
Psicologia do Ensino e Aprendizagem	Leituras bibliográficas, discussão e relatório das literaturas, apresentação de seminários, etc.	Aprendizagem sobre comportamento humano, saber como interagir na sociedade, o que fazer perante problemas sociais, etc.
Física	Conceitos, fórmulas, questões problemas, provas...	Interpretação de gráficos, tecnologias, fenômenos da natureza...
Biologia Básica	Conceitos, seminários, provas...	Conhecimento sobre espécies de plantas, desenvolvimento, reprodução, doenças, etc.
Química	Conceitos, seminários, provas...	Reflexão sobre impactos ambientais por resíduos e químicos, práticas de reaproveitamento orgânico, experimentos, investimentos econômicos, etc.
Linguagem e Comunicação do	Filmes, discussão de artigos, leituras bibliográficas...	Compreensão e importância dos léxicos, percepção das dificuldades de comunicação

campo		que as comunidades encontram...
Sociologia e Desenvolvimento do Campo	Leituras bibliográficas, dinâmicas, resumos, resenha...	Conhecer a história e as relações do campo e cidade, formas de desenvolvimento...
Estágio Docente	Teoria e prática nas escolas	Experiências educacionais, aspectos socioeconômicos, as transformações intelectuais nos adolescentes e jovens...
Os seres vivos e o Ambiente	Conceitos, apresentação de seminário, provas...	Conhecendo como as plantas reagem no ambiente.
Geociência Básica	Materiais concretos, dinâmicas, conceitos, leituras, etc.	Conhecendo os tipos de solo.
Matemática para o Ensino de Ciências	Leituras bibliográficas, conceitos, seminários, etc.	Relacionar a matemática nas práticas pedagógicas. Percepção da realidade.
Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável	Conceitos, leitura e discussões de bibliografias, exposição de trabalhos...	Compreensão sobre os tipos de Agricultura Familiar. Análise de pontos negativos e positivos de vários aspectos locais...
Organização e Gestão da Produção no Campo	Conceito, leitura bibliográfica, croqui, apresentação de pesquisa...	Conhecendo sobre sistemas de produção, elaboração de croqui, fluxos econômicos...
Física da Terra e do universo	Vídeos, conceitos, apresentação de experimentos...	Reflexão sobre as transformações ao longo do tempo, relacionar com a realidade.
Ciclos Biológicos, Solo e Ambiente, Biomas e Origem da Vida.	Conceitos, leituras, apresentação de seminários...	Compreensão dos ciclos biológicos, produção de hidrogênio, relação do ambiente com as plantas, etc.
Didática e Formação Docente	Conceitos, leituras bibliográficas, filmes, elaboração e apresentação de plano de aula.	Perceber como o aluno é pouco compreendido em seu contexto, agregação de valores sociais, culturais, direitos e deveres...
Direito Agrário	Leitura bibliográfica, debate, apresentação de seminário...	Compreensão de direito agrário, posse de terra, documentos como o CAR. Cultivar a terra, etc...
Política e Leg. Da Educação do Campo.	Leituras bibliográficas e discussões. Oficinas, etc.	Compreensão da leg. No trabalho no campo, escolas, etc...
Total de Disciplinas de importância para realização das ações na comunidade Murutinga	Total de Metodologias Utilizadas durante as disciplinas 9	Relação ensino aprendizagem

Fonte: Autora, 2014 à 2017.

Aqui é apenas uma breve descrição de todas as disciplinas que contribuíram decisivamente para a elaboração e construção de conhecimento para o projeto realizado na comunidade de Murutinga na Agricultura Familiar. E todas as pesquisas facilitaram para a compreensão desse contexto histórico que estava sendo descoberto na atualidade; ajudando a entender a situação e os problemas que as famílias camponesas estavam vivendo naquele momento. Estas se encontravam-se desmotivadas, oprimidas, sem respostas, indecisas sem saber para onde ir. O que fazer? Como fazer? Seus filhos, perante essa situação, sem opções

significativas para seguirem. Aos poucos, desagregando o valor pela terra, a vergonha de viverem no campo, parecia estampar seus rostos. A cidade parecia ser o único sonho que ainda restava para a maioria. E assim as escolas da comunidade apresentavam dificuldades de compreender seus alunos e de ajudá-los perante a descaracterização que estava ocorrendo. Segundo Caldart (2009, p. 38),

A Educação do campo se coloca em luta pelo acesso dos trabalhadores ao conhecimento produzido na sociedade e ao mesmo tempo problematiza, faz a crítica ao modo de conhecimento dominante e à hierarquização epistemológica própria desta sociedade que deslegitima os protagonistas originários da Educação do campo como produtores de conhecimento e que resiste a construir referências próprias para a solução de problemas de uma outra lógica de produção e de trabalho que não seja a do trabalho produtivo para o capital (CALDART, 2009, p. 38).

As escolas do campo não pareciam mais serem do campo, durante os estágios era muito perceptível a deficiência que a maioria dos professores tinha em contextualizar o ensino para a realidade do campo, dando significado com a capacidade de ajudá-los a promover transformações na sociedade; e assim era perceptível o desinteresse da maioria dos alunos pelas atividades que estavam sendo ensinadas. Parecia um desencontro que gerava aflição dentro do espaço escolar pelos professores e alunos. Para Caldart (2009, p. 2) “discutir sobre a Educação do campo hoje, e buscando ser fiel aos seus objetivos de origem, nos exige um olhar de totalidade, em perspectiva, com uma preocupação metodológica, sobre como interpretá-la, combinada a uma preocupação política, de balanço do percurso e de compreensão das tendências de futuro para poder atuar sobre elas”.

Deste modo, consegui perceber através desses alunos, que suas rotinas eram marcadas por trabalhos na agricultura familiar, pouco rendimento nos estudos e com uma visão negativa do campo. Onde existia o desejo de ir morar na cidade, ou trabalhar nas empresas de agronegócio, etc. As famílias camponesas em sua maioria pela falta de apoio, organização no sistema de produção, mudanças no solo, pouca ou nenhuma geração de renda e de sustento familiar, diminuição da produção agrícola, monocultura, em sua maioria em culturas não permanentes, etc.

Então, a construção desse projeto de luta pelos direitos da Agricultura Familiar, cujo tema: “Uma proposta Sustentável para as comunidades rurais – Comunidade São Miguel de Murutinga”. obteve como resultado de desenvolvimento econômico e sustentável a elaboração de um segundo projeto, na qual chamamos de projeto SAF (Sistema Agroflorestral), que contemplou dez famílias de agricultores, permitindo que cada agricultor organizasse o seu SAF da forma desejada, contribuindo assim para fortalecer sua capacidade de escolhas,

autonomia e trabalho. Foi muito significativo, pois atualmente os agricultores conseguem e fazem questão de deixar suas opiniões em reuniões que acontecem na comunidade, onde participam na tomada de decisão, planejamentos coletivos e individuais, e a consciência do processo de organização, na medida em que vão ganhando experiências na luta por seus direitos e também seus deveres nesse processo.

Outro ponto forte que me deixou pensativa, no qual, o questionamento era frequente na universidade, era sobre o projeto de intervenção que todo aluno deveria fazer em sua comunidade. Muitos projetos foram escritos, realizado algumas visitas e entrevistas, porém tudo acontecia em pouco tempo seguido por um calendário acadêmico das disciplinas, como pratica pedagógica, estágio, e o tempo comunidade que de fato considero a melhor dinâmica que existiu no curso. De acordo com o PPP do curso de Licenciatura em Educação do Campo (2009, p. 17) sobre a relação Escola/Comunidade,

são tempos/espacos para construção e avaliação de saberes. Buscar superar a perspectiva de que a escola é lugar da teoria e a comunidade é lugar da aplicação/transformação. A escola como mediação para aprender a formular formas de pensar/sentir/agir relacionadas a um determinado modelo dialético (científico ↔ popular). Não para substituir formas anteriores, mas para transformá-las.

Em 2014, aconteceu o melhor tempo comunidade, no qual, tínhamos uma semana de teoria na universidade e uma semana de prática no campo, esse retorno à comunidade, com um olhar diferente, desconhecido, com estranhamento, era indescritível. Depois a dinâmica do tempo comunidade foi modificada; e em minha opinião se tornou menos prazeroso, porque tivemos menos tempo de interagir na comunidade e continuar a fazer as descobertas. Era mais teoria e menos tempo na comunidade, não que a teoria não fosse importante, mas, com o projeto de intervenção que tanto ouvia se falar no curso, seria mais difícil construir e executar nas comunidades da forma que deveria ser. É importante ressaltar que “[...] a pesquisa deve se constituir em uma ação de sujeitos na busca de compreender sua história, sua realidade, dar respostas, fazer perguntas, semear dúvidas”, e que não é um processo “homogêneo, linear, uniforme, a-histórico; ao contrário, é histórico e por isso complexo e desafiador, exigindo uma postura séria e reflexiva do pesquisador. (PPP ED. CAMPO, 2016, p. 21).

Decidi por conta própria realizar o tempo comunidade no Murutinga, aos finais de semana e feriados, nos dias que não houvesse aula na universidade. E foi quando passei a realizar o que aprendi com a pedagogia da alternância, que também era muito comentado no curso, todos pareciam ter dificuldade de compreender tantos conceitos que, de certo modo

estavam interligados. Passei a pesquisar, investigar, questionar, entrevistar, convidei minha irmã que estudava na turma intervalar no mesmo curso, para me acompanhar nessa construção de um projeto de intervenção. E, após cada entrevista feita, debatíamos as histórias, relatos feitos pelos moradores e o curso se tornava cada vez mais significativo. Eu e Dilcilene apesar de sermos de turmas diferentes, estudávamos as mesmas grades curriculares do curso, e também dialogávamos sobre cada disciplina, e sempre tinha algo diferente para aprender e que contribuía com a construção do projeto de intervenção. O tempo todo, estávamos observando os professores do curso, suas metodologias, sua forma de ensinar, a veracidade dos conteúdos ensinados e autores apresentados nas bibliografias.

Quando uma disciplina era muito interessante, eu, mesmo tendo sido aprovada na minha turma, aguardava iniciar as aulas da turma 2014 intervalar e pedia para o professor regente nesse período da disciplina, permitir minha participação como ouvinte nas aulas. E depois de aprender mais ainda, buscava dar o feedback em minha comunidade, através do fluxo de informação.

Uma das disciplinas marcantes foi **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Sustentável**. Porque, foi a maior contribuição que eu tive para desenvolver o projeto voltado para o Fortalecimento da Agricultura Familiar na comunidade em que vivo. Professora Laura Angélica Ferreira, que ministrou essa disciplina, foi uma professora que sem me conhecer acreditou e apoiou o projeto que eu desejava construir e executar na Comunidade. Acompanhou-me na comunidade, nas realizações das reuniões com os agricultores, e orientou os caminhos que deveríamos percorrer para ajudar as famílias de agricultores naquele momento. E observando como ela interagia com o grupo, com os órgãos governamentais, aprendi a superar meus medos, pois eu ainda tinha muita dificuldade de me expressar, de resolver situações que essa luta pela melhoria na comunidade exigia, para que eu me manifestasse. “Aprender tem sentido quando nos envolve no compromisso de transformar a realidade. O educador e o educando aprendem e ensinam ao mesmo tempo. A melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la. A formação autêntica promove a autonomia e dialogicidade” (PPP, 2009, p. 17).

O apoio desta professora na comunidade foi um dos principais motivos dos projetos terem acontecidos, inclusive como um pilar para a minha formação no curso de Educação do Campo. Através de professora Laura, também, conheci professora Soraya Abreu, que nos acompanhou em uma reunião com o coordenador da Empresa de Assistência Técnica de Abaetetuba, e juntas dialogamos em conversas livres sobre a Feira da Agricultura Familiar que era realizado em parceria com essa empresa no Município. No qual, me incentivou a

acompanhar a feira com frequência, com o objetivo de ter mais contato com agricultores de outras comunidades e assim aprender mais sobre a agricultura familiar no Município. Neste momento percebi que a comunidade de Murutinga não tinha banca nesta feira. Mas com esse contato que tivemos com a EMATER recebemos o convite para visitar a feira. Buscamos informações sobre o cadastramento, para obter bancas que representasse a Comunidade de Murutinga.

Em uma das reuniões feita com o grupo de agricultores, falamos sobre o trabalho da feira, visando incentivar a participação dos mesmos. E por considerarem importante a proposta de obter uma banca na feira mesmo com o impedimento referente a pouca produção em suas propriedades agrícola, decidiram se unir para expor seus produtos e representar a comunidade na feira livre da Agricultura Familiar em Abaetetuba. Além disso tinham outro objetivo, o de estar informados sobre os recursos, projetos governamentais, etc. que pudessem contemplar os agricultores feirantes. Levando essa oportunidade para a comunidade Murutinga.

No ano de 2017, conheci professor Lívio Claudino que também ministrou aulas na minha turma de Educação do Campo e teve um projeto aprovado sobre Captação de Recursos públicos e privados na Agricultura Familiar em Abaetetuba, direcionado para essa Feira livre. Iniciei a participação no projeto como voluntária somente, já que eu acompanhava a feira em frequentes visitas desde 2016 e obtive através da observação durante esse período uma certa compreensão de seu funcionamento. No ano de 2017 me tornei bolsista do projeto. Ter participado do projeto foi muito significativa, toda a dinâmica de reuniões com a comissão da feira que estavam em um processo de constituir uma associação, enfim, só veio contribuir. Uma vez eu aprendendo, obtive mais capacidade de interagir e ajudar o grupo de agricultores familiares da comunidade de Murutinga.

Contudo, essa formação através do curso de Licenciatura em Educação do Campo foi uma oportunidade impar, a melhor escolha que fiz... Pois, hoje consigo viver na comunidade compreendendo sua organização, seus pontos positivos e negativos, suas fragilidades, seus potenciais, as características dos grupos formados e existente nelas, o funcionamento das instituições, bem como, as estratégias políticas e governamentais para com as comunidades. O que provocou impactos positivos na comunidade de Murutinga e comunidades vizinhas que puderam em alguns momentos participarem conosco.

As comunidades foram ganhando espaço nas secretarias do município de Abaetetuba, Belém, e empresas de Tomé-Açú. Conseguiu-se parceiros para apoiar as comunidades, houve mobilização nas escolas: crianças, adolescentes e jovens aprenderam a gostar de interagir em

sua comunidade. Bem como, reuniu um coletivo de agricultores, que em sua maioria com faixa etária acima dos 50 anos, em prol da conquista de organizar um projeto que visa na sustentabilidade, economia, e que está reconstruindo o modo de vida camponês. A Formação em Educação do Campo foi muito importante, penso que cada aluno de graduação deste curso, deveria construir conhecimentos que contribuísse na intervenção da sociedade, em especial em suas comunidades, Ilhas, estradas, ramais, entre outros lugares que foram e são afetados pelo capitalismo, politicagem, falta de informações e alternativas para os problemas locais.

6.2 BREVE RELATO HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DOS AGRICULTORES E SEUS LOTES

6.2.1 Histórico

O Pe. Hilário, conviveu por dez anos na comunidade de Murutinga, desde 1975 a 1985, ele relata sua experiência com muito carinho e amor por esta comunidade. Sua missão foi para além de realizar missas, porque houve um interesse maior pelo desenvolvimento agrícola e econômico comunitário. Ele relata que nesta comunidade se sentia em acolhido e por esta razão construiu uma amizade forte com os moradores, e já no ano de 1978 junto ao senhor Manoel Sávio e outras pessoas em reunião no centro Laranjal, conversaram a respeito do que poderia ser feito e descobriram que a criação de uma cooperativa seria algo bom para ajudar a comunidade a se desenvolver. Então, nasceu à cooperativa APA (Associação dos Produtores de Abaetetuba) para plantio, colheita e beneficiamento de arroz. Somente depois, houve uma exceção para beneficiamento de pimenta do reino, porém, este em pequenas quantidades. A sede da cooperativa era localizada na cidade de Abaetetuba, perto do hospital das irmãs, no qual, localiza-se hoje a Farmácia das ilhas. O padre diz:

era ali a nossa sede e a venda também de saquinhos de arroz, baratinho! E no Murutinga, era a sede da usina, [...]“Para legalizá-la com Salvito! Tinha um certo Manoel Barbudo que chamavam né? Fomos em Belém, o governador era Jader Barbalho, passamos a noite lá! No jardim da casa; para sermos atendidos dia seguinte! E ele nos deu a legalização da cooperativa. Foi publicado no diário oficial e se tornou uma coisa legal (informação verbal, Pe. H., janeiro de 2015).

Ele relata também que na cooperativa, tinham três galpões grandes, uma casa de alvenaria, e uma máquina Zacarias que o padre comprou em Belo Horizonte, para beneficiar

arroz. Esses recursos vinham da Itália para o Padre Hilário, e este aplicava os recursos na cooperativa APA. Em relação à produção diz que tiravam cerca de 20 sacas de arroz por dia, algo que era considerado motivo de muito orgulho e importância. Iniciaram com a compra de uma máquina para beneficiar pimenta e um forno. Deste modo, com o trabalho da cooperativa conseguiram dois caminhões, que utilizavam para transportar pessoas e as sacas de arroz e pimenta. Naquele tempo chamado Pau-de-arara (único meio de transporte da época). O padre Hilário conta o quanto benéfico foi para a cooperativa e como ela terminou.

A usina prosperou, plantamos tanto arroz aqui na frente (centro laranjal), do outro lado da estrada era mata. Agora é uma vila grande. Era mata, e nós com a permissão de Dom Ângelo Frosi, nós cometemos um pequeno “crime” (risos), derrubamos e plantamos arroz. Tanto arroz! Aqui na frente. Mas, secava aqui no salão esse arroz. Mas, a cooperativa foi tão boa! Mas, em 85 eu fui chamado para a Itália, pra outro serviço lá. Fiquei seis anos e a cooperativa foi... foi... até que em prática terminou... e não surgiu mais. Mas! ela fez seu trabalho. No tempo dela, ela produziu, ajudou muitas famílias a ter sua casinha bonita, mesmo que não existe mais agora, porém deu o lustre a Murutinga (informação verbal, Pe. H., janeiro de 2015).

Naquele tempo era diferente da atualidade, em relação às formas de organização, era um tempo de auge, com as chamadas teologias da libertação e as comunidades de Bases. E que hoje como diz o padre, está um pouco adormecido.

Naquele tempo não! Trabalhar com o povo, dentro do povo, valorizar a terra. Nós lutava com o pessoal que não vendesse a terra, aos japoneses, pra plantar pimenta. Se vocês vão trabalhar escravos dos japoneses. Então, plantam pimenta e arroz e outras coisas. Foi assim, a cooperativa APA (Associação dos Produtores de Abaetetuba) (informação verbal, Pe. H., janeiro de 2015).

O padre relata que o falecimento de Manoel Sávio que era o presidente da cooperativa, também contribuiu para o término da cooperativa, pois o mesmo tinha compromisso com a causa. Seu sucessor na presidência da cooperativa não soube administrar o trabalho. A cooperativa pelo pouco tempo que durou contribuiu muito com os aspectos econômicos com tanta produção de arroz. Pois, muitas comunidades foram beneficiadas, assim como outros municípios como Barcarena, Moju, etc. No entanto, conhecer toda essa história nos permite refletir sobre a realidade da Agricultura Familiar no Murutinga no ano de 2015. E muitas perguntas instigando a encontrar respostas satisfatórias e mudanças nesse contexto cultural, social, econômico. Por que teve que deixar de existir essa dinâmica de produção? Por que as famílias estão vendendo suas terras e deixando de plantar? Por que os jovens estão

buscando outros trabalhos? Perguntas, que surgem a partir do momento que se aprofunda mais nessa história como da APA e que hoje não se tem mais nesta comunidade.

6.2.2 Caracterização dos agricultores entrevistados e seus lotes

Foram entrevistados um total de 22 agricultores e 90% são oriundos do Pará. Apresentamos no gráfico 01 a frequência de idade dos agricultores participantes do projeto de SAF's na comunidade de Murutinga, que varia entre 35 e 74 anos. A maior parte deles possui idades entre 34 e 44 anos, considerados adultos. Outra questão é em relação à idade avançada de alguns dos agricultores que vem enfrentando problemas de saúde, se tornando mais difícil ainda continuar a desenvolver as atividades agrícolas para manter uma boa produção. E assim, nos remete a refletir sobre a falta de interesse dos jovens pela agricultura familiar que coloca em risco a continuação da agricultura familiar nas comunidades.

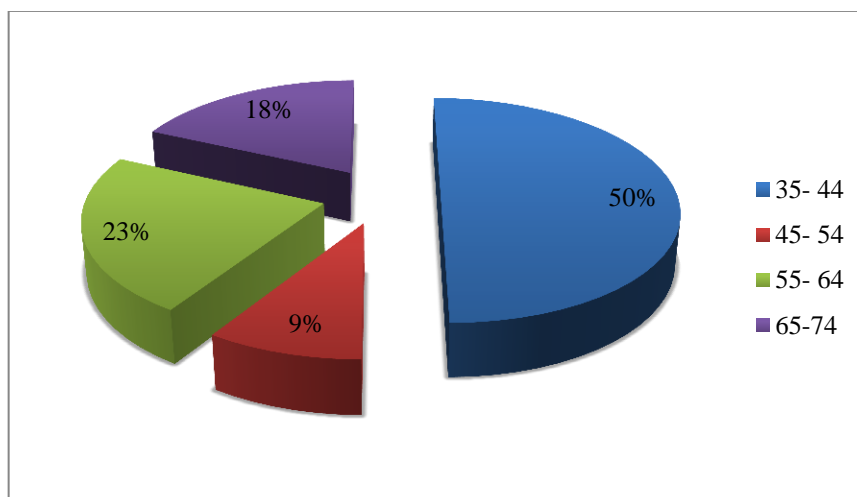


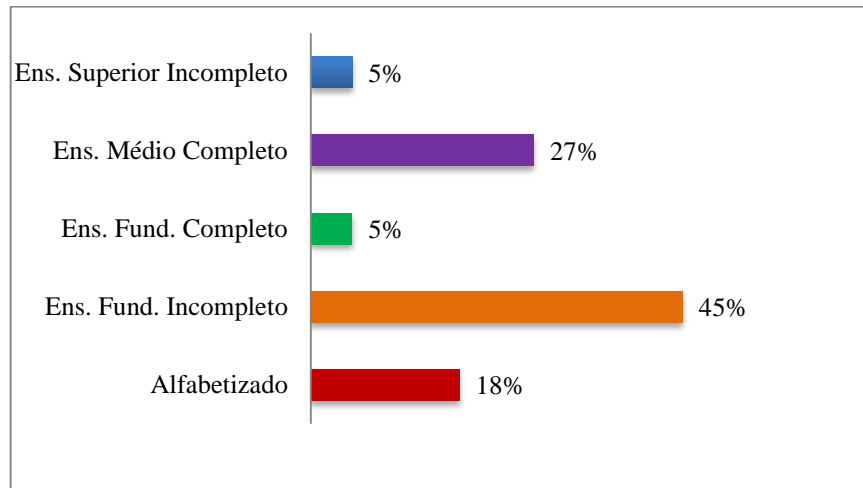
Gráfico 1: Intervalo de idade dos agricultores entrevistados.

Fonte: Pesquisa de Campo 2014.

Observa-se no gráfico 2 acima ilustrado que, 45% dos agricultores que participaram dos projetos possuem escolaridade Incompleta do nível Fundamental, apenas 27% possui Ensino Médio Completo, e 5% possui nível superior. Esses dados, nos ajuda a refletir sobre a importância da dinâmica do fluxo de informação para os agricultores, para ajudá-los a interpretar os processos burocráticos que influenciam constantemente no acesso de políticas públicas para a agricultura Familiar, uma vez que, se a maioria não concluiu o ensino fundamental, e médio, ainda sim apresentam dificuldades para a compreensão dos projetos para seus sistemas produtivos, que são ofertados pelas instituições governamentais, de forma

que é muito importante saberem, se tais projetos são favoráveis ou não, para a realidade em que vivem.

Gráficos 2: Percentual do nível de Escolaridade dos Agricultores envolvidos nos Projetos.



Fonte: Pesquisa de Campo 2014.

No gráfico 3 apresentamos a variação do tamanho de área e a quantidade de agricultores. Do total de agricultores participantes do projeto o maior quantitativo (50%) possuem áreas entre 0,1 e 5 ha e apenas 4,54% dos agricultores possuem área maiores que 20 hectares. Um tamanho de área muito pequeno, que pode ser uma das causas dos problemas em desenvolver a agricultura.

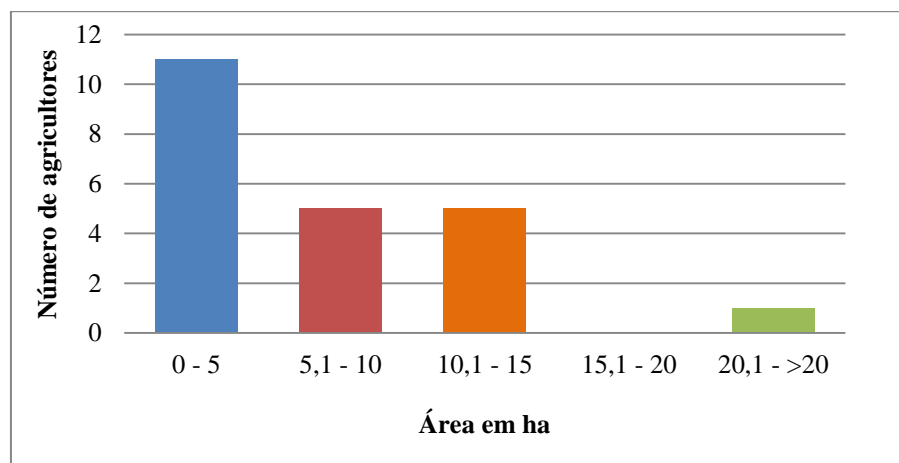


Gráfico 3: Número de agricultores e o tamanho de seus lotes em hectare.

Fonte: Pesquisa de Campo 2017.

Atualmente dentre os agricultores entrevistados na comunidade Murutinga são encontradas seis tipos de criações de animais (quadro 1), e 42 tipos de plantios entre frutíferas, plantas anuais (roça), medicinais e essências florestais.

Plantas e criações	Nome popular/Científico
Frutíferas	Cacau (<i>Theobroma cacao</i>), cupuaçu (<i>Theobroma grandiflorum</i>), Araçá-boi (<i>Eugenia stipitata</i>), açaí (<i>Euterpe oleracea</i>), acerola (<i>Malpighia puniceifolia</i> L.), coco (<i>Cocos nucifera</i> L.), urucum (<i>Bixa orellana</i> L.), Toranja (<i>Citrus paradisi</i>), limão (<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck), mamão (<i>Carica papaya</i> L.), Abacaxi (<i>Ananas comosus</i> L. Merril), laranja (<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck), maracujá (<i>Passiflora edulis</i> Sims), graviola (<i>Annona muricata</i> L.), banana (<i>Musa spp.</i>), guaraná (<i>Paullinia cupana</i>)
Roça	Arroz (<i>Oryza sativa</i>), milho (<i>Zea mays</i> L.), feijão (<i>Phaseolus vulgaris</i>), mandioca (<i>Manihot esculenta</i> Crantz), macaxeira (<i>Manihot esculenta</i> Crantz).
Medicinais	Boldo (<i>Peumus boldus</i>), Noni (<i>Morinda citrifolia</i>), canela (<i>Cinnamomum verum</i>), insulina (<i>Cissus sicyoides</i>), papoula (<i>Papaver rhoeas</i>).
Essências florestais	Cumarú (<i>Dipteryx odorata</i>), mogno africano (<i>Khaya ivorensis</i>), mogno Brasileiro (<i>Swietenia Macrophylla</i> King.), castanha do Pará (<i>Bertholletia excelsa</i> H. B. K.), Gliricídia (<i>Gliricidia sepium</i>).
Outros	Pimenta do reino (<i>Piper nigrum</i>), hortaliças: Alface (<i>Lactuca sativa</i>), pepino (<i>Cucumis sativus</i>), cheiro-verde (<i>Petroselinum crispum</i>), couve (<i>Brassica oleracea</i>), melancia (<i>Citrullus lanatus</i>), melão (<i>Cucumis melo</i>), maxixe (<i>Cucumis anguria</i>), quiabo (<i>Abelmoschus esculentus</i>), caruru (<i>Amaranthus viridis</i>).
Criações	Porco (<i>Sus scrofa domesticus</i>), galinha caipira (<i>Gallus gallus domesticus</i>), pato (<i>Asarcornis scutulata</i>), peru (<i>Meleagris</i>), peixe (<i>Tilapia rendalli</i>).

Quadro 01: Plantio e criações
Fonte: Pesquisa de Campo 2014 a 2018.

Iniciamos com uma indagação - como se encontrava a agricultura Familiar na Comunidade de Murutinga?- Constatou-se que a mesma, havia vivido momentos de muitas dificuldades e fragilidade na agricultura familiar, tais como: a diminuição da mão de obra familiar, a venda de terras, a falta de apoio técnico, inadimplências com projetos como Pronaf, FNO, etc. que vem contribuindo com a falta de acesso a novos financiamentos, devido à dificuldade ao crédito e a necessidade de se ter mercado e/ou um lugar fixo para vender a produção agrícola. Pois, uma das maiores dificuldades é de não ter apoio para a agricultura familiar, que pudesse ajudar o agricultor a permanecer no cultivo, levando este, muitas vezes a desistência de cultivar. E assim diz um agricultor: “*sem apoio financeiro, sem ter sementes próprias, sem ter apoio técnico, não vai funcionar uma agricultura familiar*” (Informação verbal, Sr. S., 62 anos, 24.04.2016).

Foram muitas as mudanças ocorridas no trabalho familiar. Outro agricultor fala, que “*antes era melhor para trabalhar, porque a terra era mais fértil e hoje necessita de um preparo para o solo e um apoio técnico é importante, principalmente no controle das pragas, doenças nas plantas*” (Informação verbal, Sr. V. 2016).

Outro ponto interessante que visa na caracterização dos agricultores de Murutinga é o perfil do agricultor familiar camponês, aquele que cultiva uma diversidade de plantas como,

por exemplo: hortaliças, grãos, mandioca, frutíferas, inclusive criação como: pato, galinha peru, porco, etc. Porém, houve uma diminuição até mesmo desistência de algumas produções e criações ao longo do tempo, pelos agricultores; porque houve, uma descaracterização da agricultura familiar camponesa, perante projetos que chegavam prontos, sem levar em consideração a opinião do agricultor, que no “final” acabava aceitando, por não ter opções e alternativas que lhe dessem apoio em seus trabalhos. E os agricultores acreditavam que apesar de ser um projeto direcionado a uma só cultura como, por exemplo: pimenta do reino, ou apenas plantio de maracujá, poderiam ser uma forma de inovação na agricultura familiar. Alguns desses projetos foram através do PRONAF.

Porém, os resultados não foram muito satisfatórios, tanto com a pimenta do reino, quanto com o maracujá, por dois fatores: a pimenta pela má qualidade das mudas, impossibilitando o desenvolvimento da planta e não obtendo produção; e o maracujá pelo fato de ser de projetos de cooperativas, no qual eles chamam de “AMAFRUTA”, quando a cooperativa deixou de comprar os produtos, segundo os agricultores, houve desperdício do fruto e não tinha mais mercado, então logo desistiram. Tudo isso resultou em dívidas nos bancos que financiavam os projetos, a perda de autonomia nos quais os agricultores se sentiram desmotivados e muitos às vezes sem perceberem, desistindo de cultivar as diversidades de culturas das plantas que eram tradicionalmente cultivadas. Esse e outros fatores contribuíram para essas transformações consideradas “negativas” para o desenvolvimento da agricultura familiar.

O agricultor e delegado sindical da comunidade, diz que,

A agricultura se torna muito importante na vida do agricultor, porque hoje em dia percebe a dificuldade para conseguir algo para a agricultura familiar. É importante porque dependemos da agricultura, muitas pessoas vivem dela e se não mais se importar com os agricultores, os próprios agricultores e comunidades perderão sua identidade como agricultores familiares, deixando também de consumir o que se produz, passando a comprar. Além disso, atualmente as pessoas acompanham muito o lado dos avanços tecnológicos; os jovens poucos se interessam pela agricultura e considera mais um dos motivos por ela está se enfraquecendo. Hoje, também não se tem mais o acompanhamento na agricultura da família, porque procuram outros meios de sobrevivência e vão fazendo cursos, se profissionalizando, deixando de lado a agricultura. Mas, se tiverem ajuda vão conseguir manter a cultura, tem que existir um meio para sustentar essa agricultura (Informação verbal, Sr. E., 43anos, 29.05.2016).

Contudo, é importante refletir sobre a fala dos agricultores a seguir quando dizem: “A agricultura apesar de ser um serviço pesado é muito importante na vida do agricultor [...] hoje em dia tem dificuldade para conseguir algo para a agricultura familiar” (Informação Verbal, Sr. B., 73 anos, 23.04.2016). Na fala do agricultor percebe-se que mesmo com a falta

de apoio que eles enfrentam ao longo dos anos, o que mantém eles nas propriedades e a própria valorização e amor por seus trabalhos.

A agricultura tem sua importância, principalmente quando o trabalho ocorre em grupo. E para que ela se fortaleça necessita de recursos e apoio técnico, pois os agricultores trabalham como podem e com o que sabem. Tem que ter um olhar para o agricultor que está no campo, à agricultura beneficia a todos, tanto o sujeito do campo, quando da cidade”. (Informação Verbal, Sr. M., 61 anos, 24.04.2016).

O agricultor M. diz sobre a importância de trabalhar de forma coletiva, mais ressalta também a necessidade de apoio técnico e recursos para melhor desenvolver a agricultura. “*A agricultura tem sua importância, porque o agricultor tem uma mão de obra grande e muito trabalho. São vários os processos para acontecer o plantio. Depende de recursos para melhores resultados da produção” (Informação verbal, M. V., 66 anos, 24.04.2016).*

No meu entendimento a agricultura familiar houve falar, agora no funcionamento dela, aqui não funciona pra nós; porque não tivemos apoio. Não tivemos a iniciativa de ninguém interessado em trazer a agricultura familiar. Então, para mim ela não funciona que pra ela funcionar, agricultura familiar, tem ter recursos, participação técnicas pra dar o apoio técnico, e segundo, ter muita família (Informação verbal, Sr. R., 62 anos, 23-04-2016).

No entanto, a partir desse diagnóstico, foi possível compreender o cenário agrícola familiar, conhecendo seus medos, dores e inclusive seus sonhos e perspectiva. Pois, apesar da maioria dessas famílias não ter a oportunidade de estudar e ou concluir seus estudos, possuem o desejo de fazerem cursos voltados para a agricultura familiar, visando no conhecimento necessário para ajudar desenvolver as práticas agrícolas, podendo ter mais condições de melhorar a produção e ganhar estabilidade de vida.

A falta de autonomia (pouca perspectiva em cultivar diversidades de plantas, a dificuldade e o medo de apresentar suas opiniões e/ou ideias para contribuir na melhoria do sistema de produção agrícola, etc.) vem interferir no modo dos agricultores viverem em sociedade, tais como, na forma de trabalho de seus estabelecimentos agrícolas. Um exemplo desse tipo de situação foi na comunidade de Murutinga, no qual, os agricultores mesmo sendo responsáveis de suas propriedades, tiveram seus modos de vida modificados pela falta de autonomia que estavam vivendo, por uma série de fatores que de forma silenciosa invadiu suas propriedades, modificando um percentual significativo de seus cenários camponeses, os tornando frágeis e desmotivados para conviverem socialmente, de forma coletiva em seus trabalhos agrícolas.

6.3 A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO PARA A COMUNIDADE DE MURUTINGA

6.3.1 Fases do projeto de fortalecimento da agricultura familiar

Na tabela 3 pode ser observado o percurso feito para a concretização do Projeto. É importante ressaltar que o mesmo foi construído de forma participativa a partir de dinâmicas que os agricultores iam sendo envolvidos, oportunizando a realização de oficinas, reuniões, treinamentos, intercâmbios, buscando fortalecer suas raízes camponesas, aprimorando seus conhecimentos, autonomia, perspectiva, enfim, ajuda-los na organização e reconstrução do modo de vida camponês na Agricultura Familiar. O projeto surgiu a partir das pesquisas realizadas no tempo comunidade que faziam parte do curso de Educação do Campo, e foi quando tivemos (eu e minha irmã) a oportunidade de observar e compreender determinados problemas na Agricultura familiar e em sua forma de organização.

A idealização do projeto se inicia no ano de 2015, após conhecer o histórico da Agricultura familiar da Comunidade São Miguel de Murutinga, a partir da entrevista realizada com o padre Hilário. E com isso, surgiu a ideia de elaborar um projeto que contribuísse na Reconstrução do modo de vida camponês; com o fortalecimento da agricultura familiar. E para que projetos sejam elaborados e construídos as políticas,

[...] devem ser desenhadas a partir de diagnósticos precisos sobre a situação da agricultura familiar, identificando o meio físico, os principais sistemas de produção, a potencialidade da região e dos sistemas de produção dominantes, a disponibilidade de infra-estrutura, as instituições locais relevantes para a agricultura familiar, para os pontos de estrangulamentos econômicos, políticos e institucionais, além de informações sobre a tipologia dos produtores (BUAINAIN; ROMERO; GUANZIROLI, 2003, p. 344).

Internalizando o que os autores supracitados apontaram sobre projetos, depois da realização e análise da entrevista, nós como estudantes e moradoras da comunidade (eu e minha irmã), dialogávamos juntamente com nossa família para refletirmos sobre as opiniões de outras famílias de agricultores sobre essas mudanças que vinham ocorrendo, apontando a comunidade em uma situação frágil no que consiste a agricultura familiar e nos percebendo como parte dessa história. Pois, ao mesmo tempo em que tínhamos a esperança de que algo poderia ser feito para mudar nossa situação na agricultura familiar, sentíamos que precisávamos de apoio de alguém para conseguir lutar.

Deste modo, decidimos pedir apoio para professores na Universidade Federal do Pará, que já haviam ministrado aulas no curso de Licenciatura em Educação do Campo, campus de

Abaetetuba. E assim, apresentamos nossas pesquisas e explicamos o interesse de elaborar um projeto de intervenção para ajudar a comunidade. O professor Osvaldo Barros que se dispôs em ser nosso orientador no projeto nos orientou em formular um questionário para fazer uma diagnose na comunidade com as famílias. Ainda no ano de 2015 a faculdade responsável pelo curso de Educação do Campo, no qual fazemos parte, era a FACET – Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologias.

6.3.2 – Primeira iniciativa para a execução de projeto?

Para inicio de projeto em 2016, entregamos um ofício solicitado pela FACET para o coordenador da comunidade que era na época, o Senhor Ivair Ribeiro Rodrigues, que nos permitiu desenvolver a pesquisa e iniciar o trabalho em nossa comunidade.

O objetivo da pesquisa de campo a partir das entrevistas com as aplicações de questionários era de conhecer a dinâmica do trabalho agrícola das famílias, tentando compreender a atual situação que estes se encontravam e quais as transformações ocorridas ao longo do tempo. Então, o segundo passo foi de escrever um projeto para ser trabalhado em prol do fortalecimento da agricultura familiar desta comunidade. E assim, foi feito. A proposta do referido projeto que foi apresentado em slide para os agricultores encontra-se em no anexo I desta monografia.

O projeto no seu inicio foi apresentado para uma equipe de professores na FACET que visava dar o apoio para iniciarmos um trabalho na comunidade. Os professores concordaram em reunir com os agricultores de Murutinga primando pela ação participativa, a fim de escutá-los e a partir desse diálogo definir metas a serem desenvolvidas por todos os envolvidos. Então, nos encarregamos de realizar os convites aos agricultores e marcamos a reunião. Porém, antes do dia da reunião conversamos novamente com o professor encarregado, que nos comunicou que a pauta da reunião havia sido alterada para uma proposta voltada para educação de Jovens e Adultos (EJA), para a Comunidade, e não mais uma discussão visando no Fortalecimento da agricultura Familiar como todos esperavam. Por não atender as expectativas dos agricultores já informados, optamos por não realizar essa reunião. Ainda necessitando de apoio de alguém que nos auxiliasse e compreendesse a ânsia por algo voltado fortemente para a Agricultura Familiar Camponesa, seguimos.

Em 2016, com a aproximação a professora Laura Angélica Ferreira através da disciplina sobre Agricultura Familiar, visualizamos a possibilidade dela nos ajudar, pois não conhecia outra pessoa que pudesse me ajudar com esse projeto na comunidade. E os

agricultores ainda aguardavam uma reunião. E, não seria conveniente desmarcar novamente com os mesmos. Deste modo, em diálogo com a professora expliquei toda a situação. Ela me motivou e se prontificou em nos ajudar, e logo agendou uma data para conversarmos com os agricultores.

Então decidiu-se no dia 8 de Junho de 2016, ir ao encontro dos agricultores e explicar o imprevisto e solicitar a remarcação da reunião para outra data, agora com representantes da UFPA, campus Belém. Na primeira reunião fomos nós estudantes junto com o coordenador da comunidade realizar a apresentação da proposta.



Fotografia 03: primeira reunião com os agricultores.
Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Nesse dia, o debate e as proposta foram muito produtivas, os agricultores estavam animados, em querer lutar em prol de melhorias para a agricultura. O desejo de querer organizar suas propriedades, de vê uma agricultura familiar funcionando, era o desejo de todos ali presentes. E o mais interessante foi à oportunidade que eles tiveram de falar sobre suas angustias, dificuldades, perspectivas e seus sonhos. Enfim, a agricultura não estava perdida, pois ainda havia esperança nos corações dos agricultores, só precisavam de oportunidades para poder compreender o que havia acontecido em suas vidas e em sua comunidade.

No dia 10 de Junho de 2016, foi realizada a segunda reunião com os agricultores de Murutinga na presença da professora Laura Angélica Ferreira, com o objetivo de escutar os agricultores para conhecer seus limites, dificuldades e objetivos quanto aos sistemas de produção agrícola.



Figura 04: Reunião com os agricultores apoio Professora Laura UFPA
Fonte: Pesquisa de Campo 2017.

Cada agricultor presente na reunião teve a oportunidade de expor seus interesses, angústias; ideias, falaram de projetos anteriores que não haviam dado certo, de dívidas com os bancos que financiavam projetos, dos problemas com as associações que faziam parte, enfim, uma série de situações que veio desconstruindo a agricultura familiar que nascera em algumas gerações no passado, e que naquele momento tudo parecia muito distante, diferente do que eles realmente desejavam ser e ter quanto agricultor. A professora realizou uma escuta atenta e socializou com os envolvidos de forma participativa, buscou-se nessa reunião direcionar soluções para os problemas e dificuldades que foram abordados pelos agricultores tais como: falta de financiamento, necessidade de apoio técnico, a diminuição da mão de obra familiar, o solo que já não é mais fértil, sendo que, na visão dos agricultores necessitavam de mecanização como aradar a terra, etc. Para autores como Buainain, Romero e Guanzioli (2003, p. 327) os problemas enfrentados pelos agricultores são constantes nos sistemas e regiões principalmente em relação “à disponibilidade de capital de giro e recursos para investimentos.” Ainda mais quando existe o acesso limitado à terra, à educação e demais serviços de infra-estrutura social e aos benefícios da política agrícola.” (BUAINAIN; ROMERO; GUANZIROLI, 2003, p. 317).

Em relação ao cultivo, buscou-se definir a cultura principal que poderia ser estabelecido para início de projeto, como por exemplo, a mandioca que foi destacada como atividade principal na comunidade. Mas, os agricultores optaram em plantar diversidades, variedades de plantas frutíferas, hortaliças, criações, etc. no qual, esse desejo, caracteriza-os como agricultores familiares camponeses.

Enfim, após a discussão ficou definido a busca por crédito para serem aplicados de forma individual por projetos para cada família, de acordo com o desejo de cada agricultor. E assim, a professora Laura Ferreira, após a reunião, deu as orientações para que procurássemos a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER, para receber informações e

apoio sobre os créditos e financiamentos de projetos por programas de políticas públicas, tais como o PRONAF, por exemplo, que é o programa Nacional para Agricultura Familiar.

6.3.3- Buscando informações para o acesso a políticas públicas

No dia 20 de Junho de 2016, procuramos a EMATER para conhecer a disponibilidade de crédito e Programas PRONAF. Nesta primeira visita não conseguimos obter informações satisfatórias para que pudéssemos compreender a atual situação sobre as linhas de créditos. Mas fomos direcionadas pelo senhor Francisco de Assis das Chagas, coordenador da empresa, a realizar um levantamento dos agricultores da Comunidade de Murutinga que não possuem DAP (Documento de Aptidão ao PRONAF), e assim os técnicos poderiam realizar o cadastro desses agricultores e encaminhar projetos. Então, após esse encaminhamento, fizemos visita aos agricultores para fazer o levantamento da DAP.

É importante ressaltar que participaram das reuniões 22 famílias de Agricultores, no qual se mantiveram em um fluxo de participação de 10 a 12 famílias por reuniões, e nos demais eventos ocorridos, de acordo com os projetos discutidos a seus interesses. Realizamos a pesquisa e levamos para a EMATER.

O coordenador da EMATER nos convidou para participar da Feira do Agricultor Familiar em Abaetetuba, localizado no endereço Av. D. Pedro II, 1030 (área do Setran), próximo do prédio da Empresa. Fomos até a feira conhecer, e compartilhar essa experiência com os Agricultores de Murutinga, pois observamos que não havia bancas representando a comunidade, sendo que nas duas primeiras reuniões que tivemos, os agricultores comentaram sobre a necessidade de ter um lugar para comercializar as produções, assim como uma feira. Após fomos apresentadas ao Técnico em Agropecuária, o Senhor Elias dos Santos Melo, responsável para emissão de DAPs. O mesmo, explicou sobre as linhas de créditos, mas colocou a situação da dificuldade de aprovação dos mesmos para liberação do financiamento por projeto no Município de Abaetetuba. E que através do CPF dos Agricultores ele poderia consultar a situação de cada um e informar quem poderia acessar os projetos por meio do PRONAF.

Com pouca experiências sobre as linhas de créditos e todos os processos burocráticos para o acesso ao PRONAF, pedimos a colaboração da Professora Laura que solicitou que agendássemos com o coordenador da empresa, uma reunião na presença dela, para dialogar sobre este assunto, com o objetivo de ajudar os agricultores familiares de Murutinga. E assim, fizemos!

A nova reunião deu-se no dia 17 de Agosto de 2016 com a presença da Professora Soraya Abreu, e assim foi possível esclarecer algumas dúvidas como a situação das linhas de créditos e da inadimplência que os técnicos haviam falado. O coordenador agendou uma reunião com os agricultores na comunidade se dispondo em esclarecer sobre a atual situação das linhas de créditos, inadimplências, assistência técnica e sobre um programa bolsa verde que os agricultores “poderiam” acessar. Contudo, fomos novamente até os agricultores e explicamos sobre a reunião com a Emater e fizemos o convite para a reunião com os técnicos, que seria realizada na comunidade no dia 16 de Setembro de 2016.

Antes dessa reunião fizemos outras visitas na EMATER, dessa vez para obter informações sobre o cadastramento na Feira do Agricultor. Tivemos como objetivo oportunizar a inserção dos agricultores interessados em participar em feira livre e poder comercializar os seus produtos. E deste modo levar as informações para a Comunidade.

6.3.4– Reunião com a EMATER na comunidade de Murutinga.

No dia 16 de Setembro, foi realizada a reunião com os agricultores pelos técnicos da EMATER o Sr. Janair Campelo da Costa e o coordenador Francisco de Assis, juntamente da presença da professora Laura Angélica Ferreira, eu (Dielly Pantoja) e Dilcilene Pantoja (estudantes da UFPA).



Figura 05: Reunião com os agricultores na comunidade, com a EMATER e professora Laura UFPA.
Fonte: Pesquisa de Campo 2017.

O objetivo foi discutir todas as dúvidas presentes dos agricultores, e pedimos que deixassem claro o tipo de apoio que poderiam oferecer para a comunidade. Para compreender o que os técnicos explicavam em relação a situação da bolsa verde, da inadimplência, entre outros assuntos sobre a linha de crédito, a colaboração da professora Laura foi essencial para

fazer essa ponte da fala do saber técnico para que os agricultores conseguissem compreender os limites e as possibilidades que tínhamos a partir desta instituição. Pois, nenhum agricultor do grupo se enquadrava no programa bolsa verde. E em relação ao acesso ao PRONAF, quatro dos agricultores já haviam feito financiamento para projeto passado e estavam na inadimplência no Banco, e os demais que nunca acessaram deveriam buscar informações sobre a possibilidade de ter o acesso.

Como encaminhamento a EMATER se responsabilizou de emitir DAP, CAR (cadastro Ambiental Rural), apoio Técnico e ajuda para renegociação no BASA (Banco da Amazônia) dos inadimplentes, orientando para procurar o Supervisor de crédito.

6.3.5- Primeiro Contato com o Banco da Amazônia (BASA) do Município de Abaetetuba

Nos encarregamos de ir ao Banco da Amazônia com autorização dos Agricultores interessados, para que o supervisor de crédito verificasse a relação dos Agricultores que estavam em inadimplência e quais eram as formas de renegociação. Em conversa fomos esclarecida que os municípios de Abaetetuba, Barcarena, Moju, Igarapé-Miri, ficaram inadimplentes por conta das dívidas pendentes de projetos antigos do FNO, por exemplo. E que por esse motivo não estavam liberando crédito para CPF novos, apenas estavam fazendo renegociação dos inadimplentes e renovando créditos para novos projetos, ou seja, os agricultores que nunca tiveram acesso ao crédito pelo PRONAF não poderiam acessá-los agora, enquanto não fosse liberado o município da inadimplência. Sendo que, isso só seria possível se um percentual maior daqueles projetos financiados fosse quitado pelos agricultores que não conseguiram pagar o financiamento. Levamos todas as informações para os agricultores, a fim de ajudá-los a resolver suas situações.

Com a situação que hoje o município se encontra pela inadimplência, torna o PRONAF sem utilidade para solucionar os problemas dos agricultores na comunidade de Murutinga. A pergunta que fazemos é: qual política pública reivindicaremos agora?

6.3.6- Conhecendo as propriedades Agrícola dos Agricultores

Mesmo com todas as dificuldades existentes, ainda precisávamos continuar a lutar para desenvolver a agricultura familiar, de algum modo. Então, a professora nos orientou em conhecer os sistemas de produções Agrícola dos agricultores. Observamos que, o que mantém

o sistema da propriedade agrícola são as aposentadorias, e o desenvolvimento de outras atividades (pluriatividades), entre outros fatores. Porém, a produção agrícola não gerava renda para as famílias e tinha pouca interação na base alimentar. De acordo com as entrevistas, os agricultores compram seus alimentos em maior porcentagem nos comércios e supermercados, poucas produções de suas propriedades fazem parte de seu consumo familiar. Outro fator importante observado foi que os recursos naturais disponíveis eram pouco percebidos pelos agricultores, que faziam pouca ou nenhuma utilização das folhagens, lixo orgânico, sementes de suas propriedades, etc. e tudo isso vinha contribuindo para a desistência e transformação do cenário agrícola familiar.

Deste modo, percebe-se que os agricultores estavam vivendo um momento difícil, cercado por obstáculos, do qual, não conseguiam interpretar e compreender o próprio contexto em que estão vivendo, um contexto de fragilidade.

6.3.7- Fluxo de Informação: treinamentos, oficinas, intercâmbios

No dia 13 de Dezembro de 2016, realizou-se uma visita na EMATER para buscar apoio Técnico na promoção de cursos da área agrícola para os agricultores. O engenheiro Agrônomo Flávio Ikeda falou sobre suas experiências que viveu nas propriedades agrícolas, ofereceu materiais como vídeos de enxertia, artigos, etc. E se dispôs a colaborar com a iniciativa para os agricultores de Murutinga.

Após o contato feito com Flávio Ikeda, recebemos convite do mesmo, para realizar Intercambio com os agricultores no dia 13 de Janeiro de 2017, no sítio Toouro Ikeda pertencente ao município de Abaetetuba, com o objetivo de despertar o interesse dos agricultores por querer aprender enxertar, entre outras curiosidades.



Fotografia 06: Primeiro Intercambio Sítio Toouro Ikeda

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Esse intercâmbio foi muito importante para a escolha do curso e ou treinamento que deveria ser realizado na comunidade para os agricultores, que pediram para solicitar um treinamento de enxertia. Além, dessa curiosidade, os agricultores conheceram outras espécies de plantas frutíferas como araçá-boi que é uma fruta cítrica, mais utilizada para a produção de creme ou geleia na culinária. Assim como conheceram também, o cupuaçu sem caroço. Explicou-se sobre doenças predominantes em plantas, podendo ser eliminada ou melhorada pela técnica de enxertia, os benefícios do tutor vivo (estacas vivas), como por exemplo, Sansão do campo, etc. Os agricultores gostaram muito da experiência desse intercâmbio.



Figura 07: Acolhida do Grupo AGRIFAS pelo Sr. Flávio Ikeda Agricultor e Engenheiro Agrônomo.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

No dia 14 de Janeiro de 2017, realizou-se o cadastramento dos agricultores na comunidade para emissão de Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), através da EMATER. E dia 28 foi realizado a palestra com os agricultores sobre pimenta do reino, mais conhecido por tutor vivo. O objetivo foi de apresentar através de vídeo o trabalho realizado da Agência de cooperação técnica Internacional do Japão, a fim de despertar o interesse no Sistema Agroflorestral da pimenta do reino no tutor vivo. Contudo, a partir dessa palestra foi encaminhada a solicitação da realização de uma reunião com a SEMAGRI (Secretaria de Agricultura e Abastecimento de Abaetetuba) para obter informações sobre as cadeias produtivas a serem apoiadas na comunidade.

6.3.8- Contatos feito com a SEMAGRI

No dia 09 de Fevereiro de 2017, reuniu-se com o secretário da SEMAGRI o Senhor Geovanny Farache, que explicou sobre a metodologia das cadeias produtivas e pediu para

encaminharmos um ofício em nome do grupo de Agricultores que se organizam para representar a comunidade como um todo, e assim agendarem uma data para a realização da oficina na Comunidade de Murutinga. Após o contato com a SEMAGRI, no dia 11 de março de 2017, foi realizado o cadastramento dos agricultores para o acesso ao PNAE e PAA, com o objetivo de garantir o vínculo de mercados para a venda de seus produtos. Porém, depois os agricultores poderiam decidir se acessariam ou não o programa em futuras reuniões que viessem acontecer para a afirmação da venda.

No dia 15 de março, os técnicos da SEMAGRI vieram até a comunidade confirmar a realização da oficina, verificar organização do espaço, dialogar sobre seus trabalhos na comunidade, tirar dúvidas dos agricultores sobre as cadeias produtivas e solicitar que fizéssemos uma reunião com as lideranças de igrejas, associações e outros que fossem necessários para a apresentação e convite das atividades a serem desenvolvidas na oficina.



Figura 08: Reunião com a Equipe técnica SEMAGRI de Abaetetuba. Sobre a realização da Oficina Participativa.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Então, no dia 20 de março, reunimos com as lideranças de igreja e associação da comunidade e apresentamos um pouco da dinâmica do grupo de agricultores e sua participação na luta pela Agricultura familiar para o desenvolvimento da comunidade e explicamos sobre a oficina participativa junto a SEMAGRI.



Figura 09: Reunião com as lideranças de Igrejas e

Associação da comunidade Murutinga.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

A oficina participativa ocorreu no dia 24 de abril de 2017, no qual tiveram a participação de quatro comunidade rurais incluindo a comunidade de Murutinga. Contudo, o secretário de Agricultura o senhor Geovanny Farache apresentou a metodologia em que pretendiam trabalhar para atender as comunidades deixando-as livres para escolher três cadeias produtivas que desejassem serem atendidas entre famílias pela secretaria, de imediato. Nesta oficina os agricultores tiveram a oportunidade de falar sobre suas necessidades e projetos, bem como de forma natural, também puderam trocar experiências através do diálogo e depois cada comunidade foi direcionada para um espaço separado para poder discutir entre si e definir as cadeias produtivas com suas lideranças.



Figura 10: Oficina Participativa realizada pela SEMAGRI Comunidade de Murutinga. Fonte: Pesquisa de Campo.

A figura 1 representa as cadeias produtivas definidas pelas comunidades presentes: Camotim, Murutinga, Bom Jesus e Bacuri, através da oficina participativa realizada pela SEMAGRI no dia 24 de Abril de 2017. Cada comunidade acima citada escolheu até três cadeias produtivas que desejam que seja contempladas em suas comunidades pela secretaria de Agricultura do município. O momento de discussão, os debates e a tomada de decisão a serem realizadas pelas comunidades, junto às entidades como SEMAGRI e EMATER, foi interessante, porque despertou o desejo de desenvolver as atividades agrícolas pelos outros agricultores das comunidades vizinhas de Murutinga e contribuiu para que o grupo percebesse a importância de todo o percurso feito por eles, quanto às lutas pelo fortalecimento da agricultura familiar, já que a oficina foi realizada na comunidade por solicitação do grupo AGRIFAS e de suas dinâmicas de luta e resistência.



Figura 1: Organograma das cadeias produtivas
Fonte: Pesquisa de Campo 2014 à 2018.

Esses resultados foram apresentados a todos os envolvidos na oficina, na presença da SEMAGRI. E esta se responsabilizou de dá retorno a cada comunidade a partir de suas escolhas.

Então a ideia de chamar as instituições é com o intuito de aumentar a probabilidade de apoio para a agricultura familiar. Deste modo, acredita-se que quanto mais entidades estiverem envolvidas, mais oportunidades e informações os agricultores terão sobre a entrada e saída de projetos que visam contribuir para a agricultura familiar no município de Abaetetuba.

6.3.9- Realização do Treinamento de enxertia

Realizamos no dia 27 de maio de 2017 com o engenheiro agrônomo Flávio Ikeda o dia do treinamento de enxertia com os agricultores na comunidade de Murutinga, que surgiu a partir do intercambio feito no Sítio Toouro Ikeda. O mesmo foi dividido em teoria e prática, no qual foi cedido a Escola Estadual do campo professora Benedita Lima de Araújo para a realização da palestra pelo engenheiro Ikeda, e a parte prática, foi cedido à propriedade próxima a escola de um agricultor familiar do grupo.



Figura 11: Primeiro momento: aula teórica de enxertia. Fonte: Pesquisa de campo, 2017.



Figura 12: Segundo Momento: Aula Prática. Parceria Engenheiro Agrônomo Ikeda. Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

A experiência foi muito boa e além dos agricultores de Murutinga, tivemos a presença de agricultores de outras comunidades tais como: pontilhão com a presença de agricultores, Ramal Pau-da-isca com a presença de alunos pesquisadores da casa familiar rural, engenheiro agrônomo e morador da comunidade de Murutinga Jofre Noboru Murakami, agricultores da Vila Bom Jesus e técnicos da SEMAGRI, sendo que a parte prática foi ministrada pelo Senhor Raimundo, da SEDAP. Enfim, foi muito satisfatório a experiência, que visava no aprendizado de enxertar para o melhoramento do material genético do fruto, eliminação de doenças como as vassouras de bruxa em cupuaçuzeiro e reprodução precoce de várias espécies que levam anos para se reproduzir.



Figura 13: Agricultor na aula prática no treinamento de enxertia. Técnica utilizada em Citrus do tipo Borbulha. Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

A partir dos contatos realizados com as diferentes instituições no mês de junho de 2017 conseguimos atender a necessidade de alguns agricultores com adubos, como caroço de açáí queimado e sacolas para a produção de mudas.

6.3.10- Realização de Oficinas pelas SEMAGRI

Em 06 de Julho de 2017, a SEMAGRI retornou à comunidade para ministrar uma capacitação sobre mandioca e análise de solo. Como não foi um dos objetivos definidos junto aos agricultores da comunidade na oficina participativa, houve estranhamento, assim surgiram questionamentos e insatisfação em relação a essa mudança. Porém, a SEMAGRI se justificou dizendo que não poderiam ainda desenvolver esses projetos por não ter sido liberado Recursos para o mesmo. Mas, que a mecanização seria disponibilizada para as áreas dos agricultores. Apesar de tudo, a capacitação sobre a mandioca teve como objetivo apresentar técnicas de produção sobre trio da produtividade como a roça sem queima, sendo muito válida, para despertar nos agricultores a mudança que vem ocorrendo no ambiente, necessitando assim, mais práticas agroecológicas.



Figura 14: Agricultores participando da oficina parceria SEMAGRI
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.



Figura 15: Oficina sobre participativa apoio SEMAGRI.
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

6.3.11– Como Surgiu a parceria com a CAMTA

Contudo, no mês de Julho de 2017 aconteceu na UFPA campus de Abaetetuba o VII seminário Integrador de Educação do Campo e felizmente tive a honra de prestigiar a palestra do Senhor Michinori Conagano presidente da CAMTA – Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açú, que explicou sobre como a agricultura se desenvolvia no Município de Tomé-Açú com os sistemas agroflorestais. Pela primeira vez pude ouvir algo tão concreto sobre a agricultura. Então, anotei o contato do agricultor que o acompanhava naquele dia, senhor Zé Maria, para depois poder contata-lo e pedir mais informações sobre o sistema que desenvolviam.

Ainda no mês de julho entrei em contato com o Agricultor Zé Maria e me repassou o contato do senhor Michinori Conagano, e assim expliquei brevemente a luta dos agricultores

de Murutinga, solicitando o agendamento de uma visita em Tomé Açú para conversar pessoalmente. E o senhor Conagano, se prontificou para o dia que fosse viável para nós termos uma conversa com ele, em Tomé-Açú.

Após diálogo com professora Laura que sugeriu uma ideia inovadora, que levássemos os agricultores para Tomé Açú, para a troca de experiência com os agricultores desse município. No mês de julho de 2017, conforme o agendamento feito com o senhor Conagano, eu estive no município de Tomé-Açú e expliquei a necessidade e força de vontade que todos os agricultores da comunidade de Murutinga tínhamos de ter uma agricultura organizada e desenvolvida na comunidade e no Município de Abaetetuba.



Fotografia 16: Reunião com Sr. Michinori Conagano Tomé Açú.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Logo agendamos o dia que os agricultores poderiam realizar intercâmbio nas propriedades agrícolas de Tomé-Açú. O senhor Michinori sugeriu que passássemos dois dias em seu município, e assim poder trocar experiências com outros agricultores e visitar também a fábrica da cooperativa e sua propriedade, com objetivo de conhecer melhor os sistemas agroflorestais.

Após voltar de Tomé- Açú comuniquei os agricultores sobre o intercâmbio, e os mesmos ficaram muito felizes com a proposta, sendo que fiquei de buscar apoio com a prefeitura de Abaetetuba para transporte e alimentação para os dois dias de intercâmbio. A construção dos intercâmbios entre as experiências dos agricultores facilita o diálogo entre os saberes tradicional e científico, onde se espera criar um importante grupo de agricultores que atuem como formadores de outros agricultores (RABANAL, et. al. 2012, p. 5).

Após entrarmos em contato com o prefeito, o mesmo, nos encaminhou para a SEMAGRI. Deste modo foi feito um ofício fazendo a solicitação do transporte e alimentação.

Porém, com duas semanas para a data do intercâmbio, a secretaria de Agricultura comunicou que não seria possível disponibilizar o transporte, e que apenas tinham como contribuir com o combustível. Contudo, pedimos um ofício da SEMAGRI para solicitar o transporte pela UFPA campus Abaetetuba. Pensamos nessa possibilidade por toda essa dinâmica que estava ocorrendo através do despertar que o curso de Educação do Campo estava promovendo durante os anos acadêmicos na universidade. E pela participação dos estudantes de Educação do Campo nas pesquisas que estavam sendo realizadas nos tempos comunidades, práticas pedagógicas e projetos de intervenção.

Deste modo, levamos o ofício para o coordenador da FADECAM, no qual recebeu e solicitou para o setor de transporte da universidade. De primeira tentativa havia sido liberado o transporte, mas, vésperas do dia do intercâmbio cancelaram a liberação do transporte, porque os agricultores precisariam de seguro de vida. Então, além de não termos conseguido o apoio da SEMAGRI com a alimentação, também tivemos o problema com a solicitação do transporte. Mas, conseguimos negociar um frete particular do transporte ali mesmo na universidade, que levava alunos do município de Igarapé-Miri para o Campus universitário de Abaetetuba, e desse modo tivemos que adiar por um dia o Intercâmbio por conta da disponibilidade do frete. Emprestamos o valor de R\$ 2.320,00 reais para suprir a necessidade do frete e da alimentação para Tomé-Açú, pelos 2 dias das atividades com os agricultores. Enfim, o Intercâmbio foi realizado nos dias 22 e 23 de Julho de 2017, na comunidade de Anuerá conhecida como quarta Região, junto à CAMTA. O objetivo foi de conhecer os sistemas Agroflorestais e a possibilidade de implantar esse sistema na comunidade de Murutinga.

Ao chegarmos a Tomé-Açú, fomos recebidos pelo senhor Michinori Conagano que nos levou para conhecer a área de processamento de óleo natural como azeite, entre outros. Ele explicou todo o processo, a visão de mercado, etc., sempre incentivando o grupo de agricultores. O segundo momento foi na fábrica de processamentos de frutas como: abacaxi, acerola, açaí, pitaíá, entre outras. Fomos recebidos por um engenheiro agrônomo e mais um funcionário que conhece o funcionamento da fábrica, e os mesmos nos explicaram o funcionamento e cuidados para o processamento da fruta, tendo como produto final a polpa de frutas, que também é exportada para o Japão. Sendo que, os resíduos que eram descartados pelas máquinas, eram realizados o aproveitamento dos mesmos para a produção de adubos, entre outros, para ser utilizados nas propriedades nos SAFs.



Figura 17: Visita na área de processamento de Frutas da CAMTA.
Fonte: Pesquisa de Campo 2017.



Figura 18: Intercâmbio Tomé Açú – CAMTA
Visita na Industria de processamento de Óleo.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Depois, fomos da fábrica para a quarta região. Local este, da hospedagem e desenvolvimento das atividades para conhecimento dos Sistemas Agroflorestais. Lá, fomos recebidos por um casal de agricultores os senhores Edson e Vera, e pelo técnico da SEMAGRI de Tomé-Açú o Senhor Adailton, os mesmos foram muito atenciosos conosco e contribuíram favoravelmente para o conhecimento dos Sistemas Agroflorestais na comunidade. Além de ensinar técnicas de enxertia, poda de bacurizeiros, sistemas de criações, compartilharam histórias de lutas da comunidade e desenvolvimento na agricultura familiar, entre outras experiências que iam sendo despertado nos agricultores. Visitamos várias propriedades com SAFs de outros agricultores da quarta região, bem como, visitamos o viveiro da associação e da família do agricultor Edson. De acordo com Rabanal, et. al. (2012, p. 5),

O método campesino a campesino vem sendo desenvolvido há cerca de 20 anos em países como Nicarágua, Cuba e Chile, tem como princípio o desenvolvimento da construção do conhecimento agroecológico realizado de camponês para camponês, ou seja, este em um ambiente de troca de experiências torna-se o principal agente do processo, ensinando e aprendendo, expõe os desafios e as potencialidades de sua dinâmica no agroecossistema em questão.

A experiência vivida no intercambio foi muito gratificante para todos os participantes, pois a alegria de estar vivendo esse momento, percebendo que há outras possibilidades de desenvolver a agricultura familiar era contagiante. Cada agricultor já deveria está pensando em sua propriedade de acordo com as experiências que iam vivendo.



Figura 19: Propriedade do Agricultor de Anuerá-Tomé Açú, explicando sobre a técnica de enxertia por garfagem.
Fonte: Pesquisa de Campo.

O intercambio foi uma forma de ajudar os agricultores a pensarem em como poderiam organizar suas propriedades agrícolas. E por último momento, no segundo dia; tivemos como encerramento a palestra na quarta Região com o senhor Michinori Conagano, o qual contribuiu ainda mais para que os agricultores pudessem enxergar suas realidades e saber como trabalhar nelas com os recursos disponíveis na própria natureza.



Figura 20: Palestra do Sr. Conagano com os agricultores.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

6.3.12- Reunião com agricultores para tomada de decisão.

Após o Intercâmbio, no dia 26 de Julho de 2017, realizou-se uma reunião com o grupo de agricultores para socializar sobre a experiência em Tomé-Açú, bem como assuntos relacionados ao CAR, Feira da Agricultura Familiar no Município de Abaetetuba e definir proposta para implantação de projeto para SAFs. Os agricultores tiveram uma visão positiva sobre o intercâmbio, desejando a implantação de SAFs em suas propriedades.



Figura 21: Reunião com os agricultores de Murutinga após Intercambio.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

E durante o momento de reunião todos decidiram se organizar de forma coletiva para a implantação de um viveiro na comunidade de Murutinga, para a produção de mudas. Sabendo que, teríamos apoio de algumas instituições como do presidente da CAMTA, senhor Michinori Conagano, SEDAP - Belém, EMATER - Abaetetuba, EMBRAPA – Belém e parceiros como o engenheiro Agrônomo Flávio Ikeda, Jofre Noboru, e o Assistente Administrativo da Emater, senhor Adalberto Bandeira.

E nesse primeiro momento de reunião, tentamos definir as espécies que seriam produzidas no viveiro para a implantação do SAF, entre plantas frutíferas e essências florestais. E, além disso, decidiram também entre os agricultores, qual propriedade seria construído o viveiro. Em relação a tomada de decisão Alexandre (2017, p. 27) aponta a necessidade de passar “por um processo bem mais cuidadoso que leva em consideração vários aspectos, quais sejam: referentes à família como um todo, ao sistema produtivo, as questões econômicas, organizacionais, necessidade de suprir a alimentação, a vestimenta dos membros da família, entre outros”. O que nos levou a refletir sobre a importância desses momentos pré-definições.

No segundo momento de reunião, conversamos sobre a Feira da Agricultura Familiar no município de Abaetetuba. No qual, conseguimos uma banca para exposição e venda dos produtos produzidos pela família de agricultores. Porém, como os agricultores ainda enfrentam a dificuldade de pouca produção, com o desejo de vender na feira, decidiram se unir para manter a banca representando a comunidade de Murutinga, até poderem se organizar melhor e com planos futuros, cada agricultor ter sua banca na feira livre e poder vender seus produtos.



Figura 22: AGRIFAS comercializando seus produtos na Feira da Agricultura Familiar de Abaetetuba-PA.
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

No terceiro momento falamos sobre a importância do CAR, e ficou decidido que o agricultor que quisesse obter este documento deveria fazer a solicitação na EMATER e limpar a trilha e ou “pico”, para os técnicos poderem demarcar a área nos quatro ângulos da propriedade, segundo as orientações desta instituição. E muito motivados e alegres com os projetos que estavam sendo estabelecidos naquele momento, encerramos a reunião e colocamos em ação.

6.3.13- Construção do Viveiro

No dia 28 de julho de 2017, recebemos apoio do Engenheiro Agrônomo Jofre Noboru, com a mecanização para a limpeza da área para o viveiro. No mês de Agosto, os agricultores trabalharam na construção do viveiro, no tamanho de 10 x 20 m². Cada agricultor contribuiu com materiais necessários para a construção, tais como: carrinho de mão, terçado, estacas, regador, prego, martelo, etc. Bem como, alimentação para os dias de trabalho. Durante os dias de atividades na implantação do viveiro, recebemos das parcerias (SEDAP Belém, EMBRAPA, CAMTA, Engenheiro Agrônomo Flávio IKEDA), doações de sementes de açaí, cupuaçu, cacau, aração-boi, pupunha e mudas de essências florestais. Além, de sacolas para encanteirar as sementes.



Figura 23: Multirão dos agricultores para limpeza da área para construção do viveiro.
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.



Fotografia 24: Multirão para construção do viveiro no Murutinga.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Para o desenvolvimento desse projeto, as atividades ocorriam durante os dias de sexta-feira e sábado. Seguindo-se por 18 dias nos meses de agosto de 2017 à janeiro de 2018. Sendo, trabalhado uma semana para a construção do viveiro e onze dias para a preparação das mudas. No mês de Fevereiro de 2018, foram divididas as mudas produzidas no viveiro para os dez agricultores familiares que participaram da construção do projeto. Somando no total de 6.470 mudas entre açaí, cacau, cupuaçu, araçá-boi, pupunha e essências florestais. Contudo, cada Agricultor recebeu no total 647 mudas para a implantação do Sistema Agroflorestal.



Figura 25: Construção do Viveiro Finalizado.
Fonte: Pesquisa de Campo.

6.3.14- Entraves para a concretização do projeto

Foram muitas as dificuldades enfrentadas para a construção do projeto, mas o desempenho e participação ativa dos agricultores foram positivos perante as dificuldades. Pois, mesmo com o apoio que recebemos das instituições, os agricultores foram os que contribuíram com a mão de obra para carregar estacas, capinar a área que foi demarcada pelo trator, encher as sacolas de mudas, peneirar a terra, carroceira para transportar a terra de umas das propriedades dos agricultores para a propriedade do viveiro.



Figura 26: Agricultores trabalhando em Mutirão para preparar as mudas no viveiro.

Uma ação inovadora foi que a cada dia de trabalho, uma família de agricultores contribuía com lanches. Enfim, se uniram, com força de vontade de realizar os projetos, tornando-os parte de suas realidades. Segundo Melo (2010, p. 63). “[...] dentre os aspectos sociais desenvolvidos no mutirão [...], a relação construída através do trabalho coletivo entre as famílias com ou sem laço de parentesco faz referência à lógica da reciprocidade”.

Outro exemplo que surgiu no decorrer do projeto que se tornou um desafio para todos os envolvidos, foi a não contribuição da mecanização que havia sido garantida pela SEMAGRI para a limpeza da área nas propriedades dos agricultores para a implantação dos SAFs. Pois, no período agendado, de acordo com a secretaria, o trator estava com uma peça quebrada e não estava disponível para o mês que os agricultores necessitaram, para a limpeza da área.

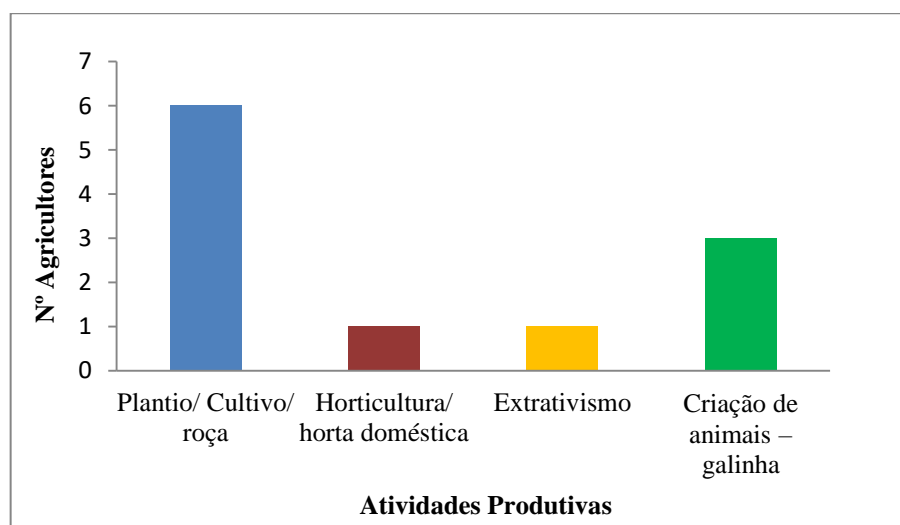
Perante essa situação, e como um sério imprevisto quanto à quebra de um calendário e planejamento que havíamos feitos, surgiu a fragilidade, a preocupação entre os agricultores. Deste modo, entre os dez agricultores, no final da implantação do projeto, houve a desistência de um deles, porque, na própria comunidade há indivíduos que desde o início tentam desmotivar as iniciativas, por se beneficiarem com a perda de autonomia dos agricultores, tais como, a descaracterização camponesa quanto à diversificação de cultivos, levando-os a desestruturação de seus estabelecimentos agrícolas familiar, que ao longo das dinâmicas de lutas foram sendo recuperadas. Porém, este agricultor que desistiu da implantação do SAF não havia participado dos intercâmbios, começou a fazer parte do grupo durante a implantação do viveiro. Isso pode ter sido um dos fatores pela dificuldade desse agricultor de não compreender todo o processo do projeto, inclusive de que este projeto não é governamental e sim da luta social dos agricultores da comunidade Murutinga.

O grupo informal, conhecido por AGRIFAS (Agricultores Familiares Salvito); recebeu este nome pelo histórico que ficou conhecido durante as pesquisas que foram realizadas da cooperativa APA, fundada por padre Hilário e Manoel Sávio conhecido por Salvito.

A situação relatada foi motivo para reunirmos quanto grupo para discutir sobre o ocorrido, e motivando os agricultores para não desistirem do projeto. E juntos tomamos a decisão de fazer mutirão para limpar a área em suas propriedades e fazer o plantio. E assim, conseguiram superar mais essa dificuldade juntos. O agricultor que desistiu do SAF, já havia plantado o cacau e decidiu vender as 200 mudas de açaí que pertencia a ele pelo seu trabalho no viveiro. O problema poderia ter sido maior perante essa insegurança, devido não ter comunicado a liderança e não ter apresentado sua decisão ao grupo. Depois do ocorrido, identificou-se que indivíduos na comunidade que não faziam parte do projeto pretendiam comprar todas as mudas de açaí do projeto, sem o diálogo com a liderança do grupo para colocar suas propostas.

Contudo, mesmo com os conflitos, problemas e dificuldades que foram surgindo e superadas, com essa luta pela agricultura familiar conquistamos para a comunidade de Murutinga muitos benefícios, como por exemplo: a oportunidade de outras famílias de Agricultores terem o acesso ao Programa Brasil Sem Miséria, que são considerados fundos perdidos. Esses projetos, os agricultores não precisam pagar e sim executar o projeto escolhido. Abaixo segue o gráfico, dos tipos de projetos por famílias de agricultores, inclusive o agricultor que desistiu do SAF foi beneficiado com o projeto para plantio de mandioca e está realizando essa atividade agrícola, considerando assim, um ponto positivo.

Gráfico 2: Atividades produtivas ofertadas pelo Programa Brasil sem Miséria para os agricultores participantes do projeto na comunidade de Murutinga.



Fonte: Pesquisa de Campo 2014 à 2018.

Foram ofertados pelo programa Brasil Sem Miséria vinte (20) atividades, com diversos direcionamentos (plantios, criações, artesanato, construção civil, panificação, borracharia, transporte, revenda, mercado e salão de beleza) para os agricultores participantes do projeto da comunidade de Murutinga. Havia dois parâmetros: 1) que não obtivessem renda acima de R\$ 80,00 por morador da residência; 2) quem não tivesse outro benefício (aposentadoria, auxílio, entre outros), ou outro tipo de renda. O projeto contou com a liberação de R\$ 2.400,00 como recurso, dividido em 2 parcelas, uma parte direcionada a orientação técnica e outra para compra de materiais. É importante ressaltar que a segunda parcela só era liberada caso o técnico desse aval, que dependia da avaliação se os investimentos tinham sido alocados de forma correta. Do total de 22 agricultores, 11 foram contemplados com as atividades. É possível visualizar no gráfico 2 acima que a maioria dos agricultores optaram por atividades ligadas ao plantio e roça, seguido da atividade de criação de galinha, o que demonstra um direcionamento dos agricultores participantes do projeto para atividades que já executam.

6.4 A IMPORTÂNCIA DO PROJETO DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR PARA A COMUNIDADE DE MURUTINGA

6.4.1 Resultados parciais do projeto

Após toda a dinâmica ocorrida para a construção do projeto em prol do fortalecimento da agricultura familiar de modo geral, podemos observar no quadro 01 abaixo, os avanços, quanto ao desenvolvimento produtivo na comunidade com os agricultores familiares da comunidade São Miguel de Murutinga, com as implantações de áreas de SAF, contribuindo para o aumento da produção agrícola e atribuições de práticas sustentáveis. Bem como, os seus produtos que antes eram unicamente direcionados para o consumo e passaram a serem comercializados no município e localidades vizinhas.

PRODUÇÃO ANTES DO PROJETO	PRODUÇÃO DEPOIS DO PROJETO
Mandioca	Aumento da Produção de mandioca.
Mandioca, maracujá, maxixe, grãos (feijão, milho).	Mandioca, maracujá, maxixe, grãos (feijão, milho), cacau, cupuaçu, pupunha, araçá - boi, açai, pitáia.
Maracujá, Pimenta do Reino, Graviola, mandioca.	Maracujá, Pimenta do Reino, Graviola, aumento da produção de mandioca, criação de aves
Coco, acerola, açai, cupuaçu (pequenas quantidades).	Coco, aumento da produção de acerola, açai, aumento do plantio de cupuaçu, pupunha, açai, cacau, gliricidia, pimenta do reino, pitaí, araçá-boi, essências florestais.

Grãos (milho, feijão), mandioca, maracujá.	Grãos (milho, feijão), aumento da produção de mandioca, maracujá.
Mandioca	Mandioca
Mandioca, coco, banana, cupuaçu, pupunha, maracujá.	Mandioca, coco, banana, cupuaçu, pupunha, maracujá, cacau, açai, araca-boi, pimenta do reino, essências florestais.
Mandioca, milho, feijão, açai.	Mandioca, milho, feijão, açai, cacau, araca-boi, pupunha, pimenta do reino, cupuaçu.
Mandioca, grãos (milho, arroz).	Mandioca, grãos (milho, arroz), criação de aves, cacau, pupunha, araca-boi, pimenta do Reino, cupuaçu, açai, essências florestais.
Limão, pupunha, laranja, maracujá.	Limão, aumento da produção de pupunha, laranja, maracujá, cacau, açai, araca-boi, gliricidia, cupuaçu, pimenta do Reino, essências florestais.
Açai, cupuaçu	Açai, aumento de produção de mandioca.
Mandioca, cupuaçu.	aumento da produção de Mandioca, cupuaçu, cacau.
Macaxeira, coco, açai.	Macaxeira, coco, aumento da produção de açai, criação de aves, aumento da produção de cupuaçu, pupunha, araca-boi, pimenta do reino, gliricidia, cacau, essências florestais.
Açai, mandioca.	Aumento do plantio de açai, mandioca.
Açai, mandioca.	Açai, mandioca, criação de aves
Mandioca, milho, arroz.	Mandioca, milho, arroz, produção de hortaliças.
Pimenta do Reino.	Pimenta do Reino, cacau, cupuaçu, pupunha, açai, gliricidia, araca-boi, essências florestais.
Pimenta do Reino, maracujá.	Pimenta do Reino, maracujá.
Mandioca	Aumento da produção de mandioca
Mandioca	Mandioca e criação de aves
Mandioca	Aumento da produção de mandioca
Mandioca	Aumento da produção de mandioca

Quadro 02: Os sistemas produtivos das famílias antes e depois do projeto de SAF's.

Fonte: Pesquisa de Campo 2014 a 2018.

Com. – comunidade; AF- agricultura familiar.

A tabela a seguir apresenta dados do menor ao maior preço de venda dos produtos mais comercializados nos estabelecimentos agrícolas da comunidade de Murutinga, bem como, a maior e menor quantidade vendida. Consideram-se essas informações importantes, porque percebe-se que a venda dessa produção pelos agricultores, também os ajudam em seus planejamentos e necessidades econômicas.

Produto	Menor quantidade produzida	Maior quantidade produzida	Menor Preço	Maior Preço
Farinha	120 kg	3600 kg	R\$ 140,00 por saca	R\$ 250,00 por saca
Aves	5 bicos	50 bicos	R\$ 15,00 bico	R\$ 25,00 bico
Acerola	17 kg	20 kg	R\$ 4,00 kg	R\$ 6,00 kg
Pimenta do Reino	25 kg	50 kg	R\$ 2,50 kg	R\$ 3,00 kg
Açai	10 basquetas	32 basquetas	R\$ 100,00	R\$ 110,00

Tabela 04: Principais Produtos comercializados pelos agricultores da comunidade de Murutinga ano 2018.

Fonte: Pesquisa de Campo 2014 a 2018.

6.4.2- Agricultura Familiar incentivando a Educação por meio das pesquisas

A área que ocorreu os treinamentos de enxertia serviu de incentivo para os filhos de agricultores desenvolverem pesquisas e elaborar projetos, e a partir desse projeto construí-lo e executá-lo na comunidade, tendo como público alvo a agricultura familiar, no qual, foi apresentado na Feira de Ciências Municipal de Abaetetuba (FEICIMA) que se realizou na Escola Estadual do Campo Professora Benedita Lima de Araújo. Essa pesquisa teve como resultado a premiação em primeiro lugar do ensino médio na FEICIMA com medalha de destaque e credencial para apresentar o mesmo na FEBRACE (Feira Brasileira de Ciência e Engenharia) em São Paulo. O grupo AGRIFAS contribui na programação da caminhada Ecológica no último dia da FEICIMA, no qual recebemos visita dos alunos expositores e professores pesquisadores do baixo Tocantins no viveiro, e nas propriedades dos agricultores, onde eles tiveram a oportunidade de explicar sobre o projeto, suas conquistas e como desenvolviam seus trabalhos, a troca de experiência foi muito gratificante para todos.

No dia 12 à 16 a aluna apresentou seu projeto na FEBRACE (Vídeo do projeto disponível no site: <https://youtu.be/yrsPTKIXH0E>), onde representaram a comunidade de Murutinga, escola, Clube de Ciências, Agricultura Familiar e Município de Abaetetuba, sendo um dos projetos do estado do Pará. O projeto foi um dos premiados na FEBRACE, com prêmio Destaque em Excelência Científica pela ABRIC e publicação do artigo no periódico. (vídeo da premiação FEBRACE disponível no site: <https://youtu.be/7GRcojrNJy0>). Deste modo, incentivando ainda mais a escola do campo, professores, alunos a perceberem a importância da agricultura, das realizações de pesquisas, a perceberem suas comunidades com potencial cultural e científico

Depois da visita dos participantes da Feira, também recebemos a visita no viveiro e na propriedade dos agricultores do Grupo de Adolescente da Comunidade de Murutinga, de cunho religioso, grupo APEC. Com o objetivo de incentivar na visão da sustentabilidade, preservação e valorização agrícola. Sendo que, entre os adolescentes se faziam presentes filhos e netos de agricultores.



Figura 27: Grupo de Adolescentes visitando o viveiro.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

O projeto teve apoio da escola do campo, no que consiste a disponibilidade do espaço como as salas de aula, salão, etc. através do Diretor Antônio Flávio Albuquerque, e da Coordenação da comunidade, como o centro comunitário, caixa amplificadora, Datashow, etc. através do coordenador da comunidade na época, Ivair Rodrigues, para nossas oficinas e reuniões do grupo.

Levando em consideração a metodologia utilizada para a construção de um projeto que ajudasse no fortalecimento da agricultura familiar, observa-se que houve muitas mudanças na vida das famílias para a valorização e organização da produção agrícola no renascer do modo de vida camponês. É possível observar no quadro 1 em Anexo a trajetória percorrida para a realização do projeto. No qual, toda essa dinâmica como intercâmbios, oficinas, entre outras ações, despertou o interesse e a vontade dos agricultores de continuar a cultivar suas terras, buscando alternativas para desenvolver seus trabalhos, mesmo que, inicialmente, terem apresentado dificuldades que pareciam impedi-los de acreditar na agricultura para uma melhor perspectiva de vida. Pois, “a condição camponesa consiste na luta por autonomia e por progresso, como uma forma de construção e reprodução de um meio de vida rural em um contexto adverso caracterizado por relações de dependência, marginalização e privação”. (Ploeg, 2009, p. 18).

Não podemos negar que ao longo do tempo as mudanças ocorreram de modo avassalador. Mas, o trabalho coletivo contribuiu muito, para resgatar a autonomia e as raízes camponesas dos agricultores, que herdaram o amor pela terra, por suas profissões. Estas, que vieram de geração para geração.

Hoje, a percepção das famílias de agricultores, ganhou um novo rosto. Aquela agricultura, em que 2016 quando se deu início ao projeto de SAF's na comunidade, e que estava desacreditada pelo público alvo; mostram-se com real interesse de planejamento, organização, e a contínua luta por benefícios e mais melhorias. Essa agricultura na

comunidade de Murutinga ganhou força e movimento, passou a ser reconhecida, despertou a atenção de diferentes instituições, de engenheiros, pesquisadores, entre outras, de forma admirável!

A resistência e as ações de lutas, tudo isso foi sendo construído no coletivo, em busca por melhorias de vida em prol da agricultura familiar, com a realização de reuniões, momento de reflexão e decisão, pensarem em projetos para conhecer o que é viável, para que o desenvolvimento na agricultura familiar aconteça de fato. Contudo, o fluxo de informação, também foi um ponto chave para o primeiro passo ao desenvolvimento na agricultura, pois muitos dos agricultores não tiveram oportunidade de estudar e ou fazer cursos, e assim, a participação destes em oficinas, intercâmbios, treinamentos de enxertia, ajudou favoravelmente para o conhecimento de simples práticas agrícolas para o desenvolvimento de diferentes culturas de plantas frutíferas, raízes (mandioca), etc. visando em uma melhor produção.

Com o projeto SAFs os agricultores passaram a cultivar outras culturas como: acerola, cacau, cupuaçu, banana, etc., em plantios já existentes como açaí, pimenta, maracujá e também em área que não cultivavam. Sempre com o desejo de cultivar mais, aproveitando os espaços necessários de terra.

Aprenderam que, o importante não é ter extensas áreas de terra em plantações. Mas, fazer produzir o que têm; organizar a propriedade, iniciar com pequenas produções de acordo com suas condições financeiras e físicas, incluindo a mão de obra, e aos poucos fazer futuros projetos.

O mais interessante ainda foi à compreensão, da importância da preservação ambiental e da mudança de suas práticas agrícolas perante as transformações que os agricultores se encontram atualmente, como: solo pobre, pouca matéria orgânica, o surgimento de pragas, entre outros fatores. E assim, os intercâmbios em áreas de SAFs ajudaram os mesmos, a perceber que é possível ter mais lucro, desmatando menos. O Agricultor R. fala sobre sua experiência com os Intercâmbios dizendo: *“os intercâmbios, as oficinas, foram muito importantes porque me ajudou adquirir novas experiências, conhecer novas plantas como a pitaía, e projeto de reflorestamento que é importante no sistema produtivo”* (Informação verbal, Sr. R, 49 anos, Janeiro 2018).

O agricultor quando fala de projetos, significa planejamento que eles fazem ou podem fazer para executar em suas propriedades, quanto seu trabalho agrícola.

Atualmente, os agricultores recebem apoio técnico do órgão responsável no Município de Abaetetuba a EMATER e apoio do presidente da CAMTA do Município de Tomé-Açú. E

no decorrer das parcerias fizeram cadastramento para obter uma banca na feira livre da agricultura familiar no município de Abaetetuba, para poder expor e comercializar seus produtos, no qual, representam a comunidade de Murutinga nesta feira.

No ano de 2018, foi realizado o cadastramento de 20 Famílias de agricultores, para acessarem o programa do governo conhecido por Brasil sem Miséria, no qual, 10 famílias foram contempladas recebendo o valor em dinheiro de R\$ 2.400,00 por família, em duas parcelas que é considerado como fundo perdido, ou seja, não exige devolução desse valor recebido pelas famílias. Esse programa é destinado para implantação de projetos como: horta (figura 02), mandioca, aves (figura 1), etc. As famílias contempladas estão trabalhando em seus projetos e estão sendo acompanhadas pelos técnicos.



Figura 01: Projeto contemplado pelo fomento criação de Aves.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2018



Fotografia 02: Visita técnica EMATER para avaliação do Projeto de Hortaliças.
Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A partir de toda essa dinâmica os agricultores retomaram seu modo de vida camponês, no qual se sentiram motivados e com o desejo de cultivar mais culturas diferenciadas de plantas em suas propriedades, bem como, conseguiram com essas atividades, despertar o interesse dos jovens da comunidade que estão agregando valor na agricultura. Inclusive a participação desses jovens como pesquisadores realizando apresentações em feiras de ciências, entre outras atividades. Os mesmos, estão fazendo da agricultura uma inovação em seu contexto, por acreditarem na possibilidade de tornar suas propriedades auto sustentáveis e outros ainda, com o desejo de serem os futuros técnicos na comunidade.

As áreas dos agricultores estão se tornando áreas experimentais, contribuindo assim para pesquisas e troca de conhecimento de suas plantações e produções. De modo geral, hoje temos uma agricultura com sua autonomia fortalecida, devido a idealização do projeto de

intervenção voltado para Agricultura Familiar, com mais reciprocidade, perspectiva futura, agregação de valores culturais, sociais e econômicos, e o desejo de conquistar uma organização maior para continuar a superar todos os desafios e dificuldades que estão por vim.

De acordo com as discussões teóricas traçadas por Wanderley (1996) constata-se, que os agricultores da comunidade de Murutinga são Agricultores familiares camponeses pelas diversas características que os mesmos apresentam em seu contexto sociocultural, que tem enfrentado transformações perante o sistema capitalistas que contribuíram para a “descharacterização” familiar camponesa.

7.0 REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO EM ABAETETUBA PARA FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR LOCAL

O curso de Licenciatura em Educação do Campo em Abaetetuba possui um forte potencial capaz de promover desenvolvimento rural em todos os aspectos existentes. Deste modo, contribui decisivamente para o Fortalecimento da Agricultura Familiar nas localidades camponesas. Fortalecendo também o desenvolvimento das famílias que residem na cidade, uma vez que, a Educação do Campo trabalhe em uma visão de sustentabilidade; as famílias do campo e da cidade terão a garantia de consumirem alimentos mais saudáveis. E assim, no exercício de compra e venda, facilitará para o desenvolvimento sustentável, garantindo melhores condições de vida para todos. Que para Moreira e Carmo (2004, p. 5) “baseia-se no descobrimento, sistematização, análise e fortalecimento desses elementos de resistência específica de cada identidade local ao processo modernizador agrário, fortalecendo as formas de ação social coletiva que possuam um potencial endógeno transformador”.

Mas, porque a Agricultura familiar, ainda não conseguiu alcançar resultados satisfatórios no município? Bem, muitos são os problemas que a agricultura familiar vem enfrentando, desde a organização do estabelecimento agrícola, o sustento familiar até a comercialização da produção. As famílias de agricultores tem questionado muito, a falta de apoio financeiro e técnico, pois, no município de Abaetetuba há dificuldades do acesso a políticas públicas como o PRONAF, por causa das inadimplências, por dívidas de antigos projetos, assim como foi explicado, nesta monografia nos capítulos anteriores. Contudo, a necessidade de assistência técnica surge, devido às transformações que os agricultores

enfrentam atualmente, perante o desgaste do solo, pragas, etc. e infelizmente a quantidade de técnicos disponíveis para atender todas as famílias de agricultores não é suficiente.

Além desses problemas, existem outros fatores que interferem para o desenvolvimento da Agricultura nas localidades, tais como: projetos prontos e acabados, ou seja, que não eram construídos de forma participativa com os agricultores, a fim de escutá-los e definir uma proposta mais satisfatória; falta de recursos, como, adubos, sementes, entre outros, que apoiasse as famílias em projetos iniciais; dificuldade para comercializar os produtos, quando estes eram gerados de projetos de cooperativas como a AMAFRUTAS (Associação de Fruticultores da Amazônia), COPAMABE (Cooperativa dos Produtores de Moju, Abaetetuba, Barcarena e Acará), etc.; falta de informações suficientes para ajudá-los com o planejamento da propriedade agrícola.

Na visão de muitos, a agricultura tem sido um desafio, de garantia para melhores condições de vida. Mas, pouco se tem feito para alcançar de fato o desenvolvimento rural agrícola. “Oras, isso é impossível!” Ouve-se muito essa frase; o desacreditar no desenvolvimento da agricultura familiar, bem como, esse tipo de expressão tem afetado muito a autoestima das famílias, que tem enfrentado muitas dificuldades em seu contexto sociocultural. Porém é por esse tipo de pensamento que tem se manifestado nas localidades, e órgãos governamentais, que a agricultura familiar de modo geral, ainda não deu o primeiro passo rumo a seu desenvolvimento.

A partir da experiência realizada na comunidade de Murutinga, posso afirmar que, a formação em Educação do Campo é capaz de promover essa intervenção nas localidades pertencentes a esse município especialmente, de modo a alcançar o desenvolvimento rural. Mesmo que aqui centremos a discussão na agricultura familiar, é com ânimo que a partir dessa categoria e do trabalho em “rede” podem-se promover estruturas organizacionais nos diferentes aspectos existentes nesse contexto característico de Abaetetuba, abrangendo assim, a saúde, economia, educação, cultura, entre outros.

A indagação a fazer é: Como a formação em Licenciatura em Educação do Campo será capaz de promover tal desenvolvimento a partir da agricultura, se esse tipo de desenvolvimento requer altos investimentos? Tipo de pensamentos que tem contribuído para o fracasso da Agricultura Familiar, pois, parece que ninguém consegue fazer mais nada se não houver dinheiro. E quando conseguem algum dinheiro, considerando pouco, não são capazes de pensar em projetos que possam multiplicar este, de forma produtiva e válida por toda uma vida e gerações. Porque, quem não consegue administrar pouco dinheiro, não conseguirá

administrar se houver muito dinheiro, e assim não irá obter resultados satisfatórios. Do mesmo jeito, com o risco de ficar com problemas maiores do que antes.

O que estou tentando colocar aqui é que, a solução para o desenvolvimento rural não está centralizada em altos investimentos de capitais, este não é o problema principal, embora parecer que todos estejam falando na mesma, “língua”. E sim na falta de planejamento e organização do sistema que a família está inserida. Deste modo, a formação em Educação do Campo tem um papel muito importante de ajudar na construção de uma intervenção na sociedade, principalmente na agricultura familiar que está perdendo suas características perante o sistema capitalista. Se já através das atividades de Extensão que devem fundamentar-se na relação com a realidade, “[...] as problemáticas que serão levantadas devem, necessariamente, estar em consonância com os problemas encontrados na região, sem perder de vistas as questões mais amplas que envolvem o fenômeno educativo” (PPP, 2016, p. 22).

A Formação em Educação do Campo ajuda o sujeito do campo a pensar e observar sua realidade, passando a compreender o sistema que ele está vivendo e onde ele precisa mudar. A Educação do Campo contribui para ajudar o homem do campo a conhecer seus direitos e seus deveres, e instiga na luta e construção de políticas públicas para atender as reais necessidades das famílias na atualidade. Além, disso essa formação contribui decisivamente para a conscientização pessoal e familiar da preservação do meio ambiente, trabalhar em práticas agrícolas sustentáveis, contribuindo assim, em melhores condições de vida para famílias nas localidades. Pois, todos os envolvidos nesse curso, devem se caracterizar em favor das famílias, na luta contra o clientelismo e todas as transformações que estão ocorrendo no meio ambiente e na sociedade em geral.

É preciso formar pessoas que sejam capazes de se planejar, formar outros sujeitos nas localidades, formar para a solução de problemas, e formar para que estes sejam comprometidos e responsáveis na elaboração, construção e execução de projetos de intervenção social, de verdade! Freire (1992) fala em sua obra: pedagogia da esperança, de como as pessoas são capazes de mudar o mundo, a partir de quando essas pessoas forem transformadas pela educação. E é isso que a Educação do campo tem que continuar fazendo, mas de forma mais séria e comprometida, engajar os formandos em suas comunidades, eles precisam ser capazes de enxergar suas realidades com outros olhos, ou seja, precisam sair do senso comum para o senso crítico. Precisa ser lhes dado essa responsabilidade que é marcado por movimentos sociais, principalmente no campo e de preferencia em suas comunidades. Pois, uma vez que estes consigam olhar com estranhamento para o seu cotidiano, perceberão

que precisam agir e intervir para alcançar melhores condições de vida para o lugar que suas raízes fizeram, fazem e farão parte. Deste modo, conseguirão contribuir em outros lugares com mais experiência e satisfação.

A promoção de oficinas, palestras, cursos profissionalizantes, cursos técnicos, projetos educacionais, voltado em pesquisas na agricultura familiar, intercâmbios com as famílias da comunidade, envolver os órgãos competentes em reuniões, debates e que são responsáveis por esse público, juntamente com a universidade, faculdades, graduandos, professores municipais, estaduais, federais, enfim, envolver todo e qualquer público que seja necessário para conseguir movimentar e dinamizar para solução dessas problemáticas. Pois, a Educação do Campo tem essa autonomia, esse direito de cobrar de intervir e alcançar o desenvolvimento rural em todas as comunidades, na agricultura familiar.

Contudo, a agricultura vem se fortalecendo de forma positiva na comunidade. Mas, ainda estamos em um processo de aumentar e fortalecer a organização para uma perspectiva de desenvolvimento rural nas comunidades rurais vizinhas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi muito importante para minha formação acadêmica, pessoal e social, pois me aproximou de minha própria realidade de forma muito significativa. Apesar de ter surgido muitas dificuldades pelas quais “todos” tivemos que passar e superar, a sensação de termos conseguido realizar toda essa movimentação na comunidade é inexplicável!

Os agricultores beneficiados anteriormente as ações desenvolvidas só conseguiam enxergar soluções nos financiamentos. Hoje construiu-se uma maior percepção mais em relação a necessidade deles decidirem os rumos de seus projetos. A questão financeira ‘dinheiro’ é importante, porém não mais colocado como o único fator que inviabiliza e justifica a não realização do trabalho no campo.

O desenvolvimento do projeto de SAF’s que está sendo executado por cada família de agricultores que são os responsáveis de cuidar de todas as etapas, tem sido valorizado, independente dos resultados serem positivo ou não em relação ao desenvolvimento das plantas. Favoreceu-se atividades como a troca de sementes, produção de mudas, planejamento

e organização das propriedades. Ações estas que se tornaram atrativas as crianças e adolescentes que estão participando ativamente junto aos seus familiares e percebendo o valor da agricultura. Passando a olhar para o lugar onde vivem, como uma oportunidade para desenvolverem pesquisas. Contribuindo de forma participativa na comunidade, sem abandonar a escola.

Os agricultores tem demonstrado autonomia nas suas decisões, seja no tocante à substituição de plantas, reorganização do espaço, aos interesses em projetos e propostas advindas de instituições governamentais ou não, da participação nos espaços comunitários onde se encaminham as discussões gerais da comunidade, como na liberdade para planejar, organizar e concretizar seus objetivos.

Com a pesquisa e o projeto desenvolvido verificou-se a importância de cada etapa seguida, e que esses cuidados favoreceram o aprendizado e a troca de experiência para todos os envolvidos. Ações que vem permitindo que a agricultura familiar de Murutinga também ganhasse espaço nas feiras de ciências e na feira da agricultura familiar do município. Contudo, aumentou a organização da Agricultura Familiar, aumentou a relação desta, com poder público e promoveu a possibilidade dos estudantes como sujeitos de transformações.

Considerando que toda essa dinâmica que ocorreu na comunidade de Murutinga foi um primeiro passo para o desenvolvimento rural, a satisfação visível nos agricultores em relação a ser um projeto social, livre de politicagem. Possibilita a continuidade das atividades em grupo, com o objetivo de ir além, alcançar mais famílias da comunidade, formar novos grupos, trabalhar mais próximo da escola e assim conseguirmos nos sustentar na ação coletiva. O projeto que queremos é aquele que promova satisfação nos diversos aspectos: econômico, cultural, ambiental, social (educação, saúde), enfim, queremos movimentar as famílias, em prol de benefícios coletivos dos camponeses, e quem sabe extrapolar essas ações para outras comunidades. Como vamos fazer? Do mesmo ponto de partida do primeiro projeto: Acreditando que é possível!

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. F. N. Os sistemas de Produção da agricultura familiar em áreas de assentamentos rurais no município de Paragominas – PA: uma via para a transição agroecológica? Belém, 2017.
- ALTAFIN, Iara. Reflexões sobre o conceito de Agricultura Familiar. Região Nordeste, 2007. Acesso em: 16.10.18. www.reformaagrariaemdados.org.br
- BUAINAIN, Antônio Márcio. ROMEIRO, Ademar R. GUANZIROLI, Carlos. Agricultura Familiar e o novo mundo Rural. Porto Alegre, 2003.
- Delgado, Guilherme Costa. Bergamasco, Sonia Maria Pessoa Pereira (orgs.) Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 470 P., 2017. e mercantil: dois estudos de caso em Araguari e Indianópolis, MG, Brazil.
- FAPESPA. Estatísticas Municipais Paraenses: Abaetetuba. / Diretoria de Estatística e de Tecnologia e Gestão da Informação. – Belém, 2016. 60F.: il.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Paz e Terra, 245 P., 1992.
- GIL, Antônio Carlos, 1946. Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, Cristiane Tonetto. O papel da pluriatividade no fortalecimento da agricultura familiar do município de Santa Rosa/RS. RS, p. 5, 2009.
- Guia para apresentação de projetos de pesquisa/ Eleide Abril Gordon Findlay; Mauro A. Costa; Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes. – Joinville, SC: UNIVILLE, 26 P., 2006.
- MANÇANO, Fernandes B., 2001, “Brasil: 500 anos de luta pela terra”, Revista de Cultura Vozes, março (www.culturavozes.com.br/revistas/0293.html).
- MELO, Acácio Tarciso Moreira de. Ação Coletiva entre Assentados da Reforma Agrária. Belém, 2010.
- Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 120, 2009.
- MONTARROYOS. Heraldo Elias de Moura. Programa de Pesquisa da Politicagem: Idéias, Princípios, Regras, Critérios e Aplicações. Porto Alegre, p. 48, 2012.
- MOREIRA, Rodrigo Machado. CARMO, Maristela Simões do Carmo. Agroecologia na construção do Desenvolvimento Rural Sustentável. São Paulo, 2014.

PLOEG, Jan Douwe Van der. Sete teses sobre a agricultura camponesa. In: *Agric Familiar Camponesa na Construção do Futuro* / Paulo Peterson (org) – Rio de Janeiro: PTA, 2009.

PREFEITURA DE ABAETUBA, Economia, cidade, disponível em: <http://www.abaetetuba.pa.gov.br/portal/Abaetetuba/cidade/economia>. acesso em: 02/11/18.

RABANAL, José Enrique Montalván. Et. al. *A Roça do Futuro: A construção da Metodologia “De camponês a camponês”*. MG, 2012.

Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação do Campo, UFPA Abaetetuba-PA, 2009. Disponível em: fadecam.ufpa.br

Projeto Político Pedagógico do Curso de Educação do Campo, UFPA Abaetetuba-PA, 2016. Disponível em: fadecam.ufpa.br

SILVA, Maria Rute Depoi da. ORTIZ, Neiva Lilian Ferreira. *A Educação do Campo no contexto histórico: Algumas Considerações*. 2013.

SOGLIO, F. D; KUBO, R. R. *Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade*. coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. 206 p.

VEIGA, José Eli. *Desenvolvimento Sustentável: O desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Garamond Universitária, p. 228, 2005.

WANDERLEY, Maria de Nazaré Baudel. *Raízes Históricas do Campesinato Brasileiro*. MG, 1996.

ANEXO

Anexo 1

Quadro 1: Cronograma de ação das mobilizações e projeto na comunidade do Murutinga Abaetetuba-PA.

Contatos e reuniões feitas para a realização do Projeto		
MÊS	ANO	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Janeiro	2015	Entrevista com padre Hilário
Março	2016	Entrega de Ofício da FACET (UFPA) campus Abaetetuba para o coordenador da comunidade de Murutinga
Abril	2016	Entrevista realizada com os agricultores de Murutinga
Junho	2016	Apresentação da proposta do Pré-Projeto
Junho	2016	Reunião com o grupo de Agricultores – professora Laura (UFPA)
Junho	2016	Orientação sobre a reunião com professora Laura.
Junho	2016	Reunião com o coordenador da Emater (Assis)
Junho	2016	Levantamento dos agricultores que não possui DAP
Agosto	2016	Agendamento de reunião da EMATER com Professora Laura Angélica.
Agosto	2016	Realização da Reunião com a Emater - Professora Soraya (UFPA).
Agosto	2016	Visita aos agricultores para informar resultado da reunião com a EMATER
Agosto	2016	Visitar EMATER para obter informações do cadastro para Feira livre do Agricultor Familiar em Abaetetuba.
Julho	2016	Visita na Feira do Agricultor Familiar Abaetetuba
Setembro	2016	Reunião com os Técnicos da EMATER na Comunidade de Murutinga com os Agricultores.
Outubro	2016	Contato feito com o Supervisor de Crédito no BASA.
Outubro	2016	Entrevista com os Agricultores sobre o Sistema de Produção Agrícola Informação sobre a renegociação das inadimplências no BASA.
Dezembro	2016	Contato feito com o Engenheiro Agrônomo da EMATER – Flávio Ikeda
Dezembro	2016	Visita na EMATER para adquirir materiais técnicos – Flávio Ikeda.
Janeiro	2017	Convidar os Agricultores para Intercâmbio no Sítio TOURO IKEDA.
Janeiro	2017	Realização Intercâmbio com os Agricultores no sítio Toouro Ikeda
Janeiro	2017	Cadastramento dos Agricultores para Emitir DAP – EMATER
Janeiro	2017	Palestra com os agricultores de projeto pimenta do reino em tutor vivo
Fevereiro	2017	Reunião com o Secretário de Agricultura de Abaetetuba.
Março	2017	Reunião com a SEMAGRI
Março	2017	Cadastramento para o acesso ao PNAE – PAA.
Fevereiro	2017	Reunião com os Agricultores para definir cadeias produtivas para apresentar na oficina para a SEMAGRI
Março	2017	Reunião com os Técnicos da SEMAGRI
Março	2017	Reunião com as lideranças das igrejas e Associação da Comunidade.
Abril	2017	Realização da Oficina Participativa na Comunidade – SEMAGRI
Maiio	2017	Treinamento de Enxertia na Comunidade de Murutinga.
Junho	2017	Entrega de caroço de Açaí queimado para atender necessidade de Agricultor da Comunidade.
Julho	2017	Capacitação sobre mandioca e Análise de solo – SEMAGRI

Julho	2017	Seminário Integrador de Educação do Campo – Palestra Presidente da CAMTA Sr. Michinori Conagano
Julho	2017	Contato feito com o Agricultor de quatro Bocas Sr. Zé Maria.
Julho	2017	Contato feito com o Sr. Michinori
Julho	2017	Reunião com o Sr. Michinori.
Julho	2017	Intercambio dos agricultores de Murutinga junto à CAMTA na Comunidade de Anuerá. Município Tomé-Açú.
Julho	2017	Socialização com os Agricultores da experiência do Intercâmbio e encaminhar projeto.
Julho	2017	Início de trabalho do grupo na Feira de Agricultor Familiar (venda e exposição dos produtos)
Julho	2017	Limpeza da área para viveiro (trator) – apoio engenheiro Agrônomo Jofre Noboru
Julho	2017	Doações de sementes e sacolas SEDAP Belém
Agosto	2017	Multirão dos agricultores para capina da área.
Agosto	2017	Construção do viveiro
Agosto	2017	Doações de mudas e sementes da CAMTA
Setembro	2017	EMBRAPA
	2017	Visita Flavio Ikeda no viveiro
	2017	Visita Engenheiro Agrônomo Noboru
	2017	Participação dos Agricultores na FEICIMA – visitação das escolas, etc. no viveiro e propriedade dos agricultores.
	2017	Visita do Sr. Michinori para os agricultores na Comunidade
Janeiro	2018	Visita do Grupo de Adolescentes da comunidade
Fevereiro	2018	Divisão das mudas
Fev. Mar. Abril	2018	Plantio
Junho	2018	Avaliação

Fonte: Pesquisa de Campo 2014 à 2018.

Anexo 2

Roteiro de entrevista 2016.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS/ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLOGIAS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO –
CIÊNCIAS NATURAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTA


1. Como você compreende a agricultura familiar? Deu certo? Se não deu certo. Por quê?
2. Você tem posse de terra? E se possui ela está sendo cultivada?
3. Se não possui “terra” própria, trabalha com alguém?
4. Você possui documentação da “terra”? Se “SIM”, que tipo de documentação? Se “NÃO”, por quê?
5. Como você trabalha na agricultura?
6. Você já fez e/ou faz parte de algum projeto ou financiamento relacionado a agricultura familiar?


Deu certo? Quais foram os resultados? Se não deu certo. Por quê?
7. Você deseja fazer algum curso de aperfeiçoamento? Qual?

Assinatura do (a) Entrevistado(a)

Anexo 3

Ficha de cadastro utilizado para Emissão de DAP – Declaração de Aptidão ao PRONAF

 **EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PARÁ**
Vinculada à Secretaria de Estado de Agricultura do Estado do Pará
Escritório Local de Abaetetuba E-mail: emater_abaetetuba@yahoo.com.br
Av. D. Pedro II (Prédio do SETRAN), Abaetetuba - Pará. Cep: 68440-000 - Fone (91) 3751-2338



CADASTRO DE AGRICULTOR FAMILIAR

1 – CARACTERIZAÇÃO DO AGRICULTOR:

1º TITULAR: _____ APELIDO: _____
CPF: _____ RG: _____ UF: _____ DATA NASC.: ____/____/____
NATURAL: _____ NOME DA MAE: _____
ESCOLARIEDADE: Analfab; Alfabetiz; Ens. Fund. Comp.; Ens. Fund. Incom.; Ens. Médio; Ens. Superior.
ESTADO CIVIL: Amasiado; Solteiro; Casado; Separado; Viúvo. REGIME/CASAM: Universal Parcial.

2º TITULAR / CÔNJUGE: _____ APELIDO: _____
CPF: _____ RG: _____ UF: _____ DATA NASC.: ____/____/____
NATURAL: _____ NOME DA MÃE: _____
ESCOLARIED: Analf; Alfab; Fund. Comp.; Fund. Incom.; Médio Comp; Médio Incomp. Ens. Superior.
Nº DE PESSOAS RESIDENTES: ____; Nº FILHOS ____; LOCAL DA RESIDÊNCIA: Estabelec. Rural; Local próximo.
ENDEREÇO: _____;
LOCALIZAÇÃO: S: _____ W: _____; REFERÊNCIA: _____;

2 – CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DO AGRICULTOR:

ORGANIZAÇÃO SOCIAL: Associação; Sindicato; Colônia de Pescadores; Quilombola; Não pertence.
CONDIÇÃO DE POSSE: Proprietária; Possesiro; Assentado; Uso Coletivo; Outros: _____
ATIVIDADES PRINCIPAIS: Agricultor; Pescador; Extrativismo; Diarista; Outros: _____
TEMPO DE MORADIA: _____ ANOS; ÁREA INFERIOR A 04 MÓDULOS FISCAL: Sim; Não.
FORÇA DE TRABALHO: Não Contrata; Contrata – Se SIM, quantas diárias: ____/Ano MOF: _____ Pessoas
JÁ OBTVEU CRÉDITO: Sim; Não. Se SIM, Qual: PRONAF B; PRONAF A; PRONAF AF; Mais Alimentos;
INFRESTRUTURA: CASA: Sim; Não; madeira; alvenaria; mista; tamanho ____ X ____ m;
EMBARCAÇÃO: Sim; Não; Rabeta; Lancha; voadeira; motor rabudo; motor diesel; motor popa.
VEÍCULO: Sim; Não; Moto; Carro; Trator; Roçadeira; Grade; Carreta.
ENERGIA: Energia Padrão Celpa; Energia Grupo Gerador; Sistema de água; Ponte Coberta;

3 – DADOS DA PROPRIEDADE:

Nº DE IMÓVEIS EXPLORADOS: ____; DAP ATIVA: Sim Não
IMÓVEL(S): I - _____; LOCALIZAÇÃO: _____; FRENTE: ____ m; FUNDOS: ____ m;
É PROPRIETÁRIO DO IMÓVEL PRINCIPAL: Sim Não CPF DO PROPRIETÁRIO: _____;
NOME DO PROPRIETÁRIO: _____; TIPO DE DOCUMENTO: _____;

Escritório Local de Abaetetuba E-mail: emater_abaetetuba@yahoo.com.br Av. D. Pedro II (Prédio do SETRAN), Abaetetuba - Pará. Cep: 68440-000 - Fone (91) 3751-2338

Página 1